MESTRADO EM PSICOLOGIA

PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

Jovens Delinquentes e relacionamentos com os pares – análise nas vertentes de amizade e intimidade

Beatriz Maria Monteiro da Silva

M

2022

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

JOVENS DELINQUENTES E RELACIONAMENTOS COM OS PARES – ANÁLISE NAS VERTENTES DE AMIZADE E INTIMIDADE

Beatriz Maria Monteiro da Silva

Junho 2022

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor **Jorge Negreiros** (FPCEUP)

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspetivas, o trabalho e as interpretações da autora no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto concetuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, a autora declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. A autora declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Dedicatória

Em memória do *meu avô.*

Quem muito me incentivou a prosseguir os estudos, a alcançar sempre mais e a fazê-lo com brio e gosto. Aquele que, acima de tudo, foi um exemplo de academismo, cultura, conhecimento e paixão.

Obrigada.

"Quando as raízes secam,

Por falta de água e de ar,

As plantas não pecam

Se alguma delas tombar."

(Monteiro, n.d.)

"E quando acordares

Eu serei a veia inspiradora

Para o teu novo dia… (…)."

(Monteiro, 2020)

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostava de agradecer ao meu *orientador, Professor Doutor Jorge Negreiros,* pela disponibilidade em trabalhar comigo, pelas suas indicações, recomendações, apoio e ajuda extremamente necessários para que as minhas ideias se tornassem possíveis.

Ao *Centro Juvenil de Campanhã* e ao seu *Diretor*, *Ricardo Costa*, assim como ao *Lar Juvenil de Campanhã* e ao *Diretor Técnico*, *Davide Barros*, que articulou os procedimentos comigo. Agradeço imenso a disponibilidade, profissionalismo e simpatia com me receberam e auxiliaram em tudo o que necessitei.

Aos *meus pais* que me permitiram prosseguir os estudos e usufruir da experiência académica, na sua totalidade. À *minha mãe* que foi a minha principal fonte de apoio, de compreensão e conselhos ao longo do meu percurso como estudante.

Ao resto da *minha família, irmão, primos, tios e avós* que sempre me acompanharam com alegria e orgulho.

Às *amigas*, *Mónica, Marta e Rita,* que fiz quando entrei na faculdade e que desde então foram de um companheirismo imenso. Obrigada pela partilha de momentos, de frustrações e desabafos, pela ajuda nas piores fases, pela contante presença nas boas e por se terem tornado amigas que levo para vida.

A *todas a pessoas que se cruzaram comigo ao longo destes cinco anos de faculdade*, em contextos musicais e praxísticos. Obrigada pelas experiências inesquecíveis e pelo vosso contributo para o meu crescimento pessoal.

Obrigada ao meu *namorado, Marcos*, por ter ouvido as minhas frustrações, pela paciência, incentivo e motivação constantes.

Um agradecimento muito especial aos *jovens* que participaram no meu estudo, sem os quais nada disto teria sido possível. Pela vossa disponibilidade e abertura em partilharem as vossas visões comigo. Obrigada pela vossa compreensão e pela confiança disposta. Espero ter feito jus às vossas experiências.

Resumo

Da análise das estatísticas referentes ao fenômeno da delinquência juvenil no ano de 2021, verifica-se uma subida de 7,3% relativamente ao ano anterior (RASI, 2021), o que justifica a contínua preocupação em compreender e intervir sobre este fenómeno.

Deste modo, sugere-se uma estratégia relevante para uma intervenção, potencialmente, eficaz: a análise da opinião dos próprios jovens delinquentes relativamente ao assunto, considerando a falha na literatura no que concerne estudos qualitativos que incluam as suas perceções relativas às relações com os pares.

Posto isto, o pressente estudo, adotando uma metodologia qualitativa, focou-se, essencialmente, em capturar a forma como os jovens delinquentes percecionam e atribuem significado às suas relações com os pares, nas vertentes de amizade e de intimidade, assim como perceber a suas opiniões relativamente à influência que estas relações podem exercer no seu comportamento delinquente. Além disso, procurou-se conhecer a perspetiva dos jovens transgressores no que toca o seu próprio comportamento delinquente e às diferenças que podem existir entre os dois tipos de relação. Neste sentido, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a 10 jovens delinquentes do sexo masculino, internados no Lar Juvenil dos Carvalhos e no Centro Juvenil de Campanhã. Estas, foram, posteriormente, transcritas e analisadas, fazendo-se uso do método de análise de conteúdo de Bardin (1977). Daí emergiram 10 categorias dos discursos dos participantes.

Os resultados indicaram que os jovens delinquentes percecionam relações de qualidade com os seus pares, nas duas vertentes estudadas, apontando vários aspetos positivos, apesar de existirem alguns conflitos e agressividade (física e verbal) na vertente de amizade. Na generalidade, os participantes referiram que a suas relações com os amigos e namoradas são importantes, sendo que estas últimas exercem uma influência positiva nos seus comportamentos, incentivando à desistência de algumas condutas desadequadas. Por outro lado, verificou-se que a relação com os amigos tem uma influência negativa nos seus comportamentos. Contudo, esta influência negativa, assim como os problemas identificados na relação não parecem prejudicar a qualidade da relação percecionada pelos entrevistados. No geral, os jovens delinquentes atribuem uma maior importância e influência à relação com os amigos. Avaliaram ainda os seus comportamentos passados, reprovando-os, sendo salientada uma melhoria nos mesmos, que se deveu, principalmente, ao contributo das instituições onde estavam inseridos.

Abstract

From the analysis of statistics regarding the phenomenon of juvenile delinquency in 2021, there is an increase of 7.3% compared to the previous year (RASI, 2021), which justifies the continuous concern to understand and intervene on this phenomenon.

In this way, a relevant strategy for a potentially effective intervention is suggested: the analysis of the opinion of young delinquents on this subject, considering the failure in the literature regarding qualitative studies that include their perceptions concerning relationships with peers.

Therefore, the present study, adopting a qualitative methodology, focused, essentially on capturing the way young delinquents perceive and give meaning to their relationships with peers, in terms of friendship and intimacy, as well as understanding their opinion regarding the influence that these relationships may have on their delinquent behavior. In addition, we sought to know the perspective of young offenders regarding their own delinquent behavior and the differences that may exist between the two types of relationship. In this sense, semi-structured interviews were carried out to 10 young male delinquents, interned at *Lar Juvenil dos Carvalhos* and at *Centro Juvenil de Campanhã*. These were later transcribed and analyzed using Bardin's (1977) content analysis method. From there, 10 categories emerged from the participants' speeches.

The results indicated that young delinquents perceive quality relationships with their peers, in the two fields studied, pointing out several positive aspects, although there was found some conflicts and aggression (physical and verbal) in the friendship field. In general, the participants mentioned that their relationships with friends and girlfriends are important to them, the last one exerting a positive influence on their behavior, encouraging them to give up some inappropriate conducts. On the other hand, it was found that the relationship with friends has a negative influence on their behavior. However, this negative influence, as well as the problems identified in the relationship, do not seem to impair the quality of the relationship perceived by the interviewees. In general, young delinquents attach greater importance and influence to their relationship with friends. They also evaluated their past behaviors, disapproving them and highlighting a posterior improvement in them, which was mainly due to the contribution of the institutions where they were inserted.

Resumé

D'après l'analyse des statistiques concernant le phénomène de la délinquance juvénile en 2021, il y a eu une augmentation de 7,3% par rapport à l'année précédente (RASI, 2021), ce qui justifie le souci continu de comprendre et d'intervenir sur ce phénomène.

Ainsi, une stratégie pertinente pour une intervention potentiellement efficace est suggérée: l'analyse de l'opinion des jeunes délinquants sur le sujet, compte tenu des lacunesau niveau de la littérature concernant les études qualitatives qui incluent leurs perceptions par rapport à leurs relations avec leurs pairs.

Cela dit, la présente étude, adoptant une méthodologie qualitative, visa, essentiellement, à capter la façon dont les jeunes délinquants perçoivent et attribuent du sens à leurs relations avec leurs pairs, en termes d'amitié et d'intimité, ainsi qu'à comprendre leur opinion quant à l'influence que ces relations puissent avoir sur leur comportement délinquant. De plus, nous avons cherché à connaître le point de vue des jeunes contrevenants sur leurs propre comportement délinquant et les différences qui peuvent exister entre les deux types de relation. En ce sens, des entretiens semi-structurés ont été réalisés avec 10 jeunes hommes délinquants, internés au *Lar Juvenil dos Carvalhos* et au *Centro Juvenil de Campanhã*. Ceux-ci ont ensuite été transcrits et analysés à l'aide de la méthode d'analyse de contenu de Bardin (1977). De là, 10 catégories ont émergé des discours des participants.

Les résultats indiquent que les jeunes délinquants perçoivent des relations de qualité avec leurs pairs, dans les deux aspects étudiés, soulignant plusieurs aspects positifs, bien qu'il y ait quelques conflits et agressions (physiques et verbales) dans l'aspect amical. De manière générale, les participants mentionnent que leurs relations avec leurs amies et copines sont importantes, car ces dernières exercent une influence positive sur leur comportement, les incitant à renoncer à certains comportements inappropriés. D'autre part, il a été constaté que la relation avec les amis a une influence négative sur leur comportement. Cependant, cette influence négative, ainsi que les problèmes identifiés dans la relation, ne semblent pas nuire à la qualité de la relation perçue par les interviewés. En général, les jeunes délinquants accordent plus d'importance et d'influence à leurs relations avec leurs amis. Ils ont également évalué leurs comportements passés, les désapprouvant, soulignant, une amélioration de ceux-ci, qui était principalement due à la contribution des institutions où ils ont été insérés.

Índice

Resumo v

Introdução 1

1. Delinquência juvenil – Definição e contextualização 1

2. O Sistema de Justiça Juvenil Português 4

3. Delinquência juvenil e relações de amizade e intimidade com os pares 5

4. Objetivos e questões de investigação 12

Método 13

1. Participantes 13

2. Instrumento de recolha de dados 15

3. Procedimentos de recolha e análise de dados 15

Apresentação e discussão dos resultados 18

1. Importância das relações com os pares (amizade e intimidade) 18

1.1. Problemas 19

1.2. Perceção da relação 20

1.3. Importância da Relação 23

1.4. Importância do Envolvimento sexual 25

2. O comportamento antissocial e a influência dos pares sobre este 26

2.1. Avaliação do Comportamento antissocial 26

2.2. Influência Pares 27

3. Diferenças entre os dois tipos de relação 29

3.1 Mais importância 29

3.2 Mais influência 31

4. A relação com os amigos e/ou namorada como fator determinante na decisão de começar a praticar atos delinquentes 32

4.1 Fator determinante 32

5. O Internamento 34

5.1 Impacto da institucionalização 34

Conclusões 36

Referências Bibliográficas 40

Anexo A: Entrevista Semiestruturada 48

Anexo B – Tabelas 52

Tabela 2 52

Categorias e subcategorias 52

Anexo C: Consentimento Informado 53

Anexo D – Pedido de autorização às instituições com respetiva súmula do estudo – Lar Juvenil dos Carvalhos e Centro Juvenil de Campanhã 54

Lista de siglas

CAT – Centro de Acolhimento Temporário

CE – Centro Educativo

CPCJ – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

LIJ – Lar de Infância e Juventude

LPCJP – Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo

LTE – Lei Tutelar Educativa

MPP – Medida de Promoção e Proteção

RASI – Relatório de Segurança Interna

Introdução

1. Delinquência juvenil – Definição e contextualização

Sendo a Delinquência Juvenil um fenómeno complexo, não é surpreendente que a investigação sobre a mesma seja marcada pela diversidade de perspetivas e metodologias. Adicionalmente, a Psicologia é uma ciência que evolui e, como tal, é crucial que o investigador adote um espírito crítico, sabendo que nem tudo pode ser tido como verdade absoluta (Born, 2003). Considerando a versatilidade e mutabilidade das práticas antissociais, torna-se difícil conceber uma definição única e absoluta, sendo-nos apresentado por vários autores ao longo dos tempos, diferentes definições.

Nesta lógica, primeiro é importante salientar que nem todo o indivíduo que comete um ato delinquente é necessariamente, em termos legais, um delinquente. Numa perspetiva sociológica, surge o termo "desviância", sendo que este engloba todo o desvio em relação à norma, sem que a lei seja o critério, o que mostra como esta noção está mais dependente da cultura e da sociedade. Deste modo, em sentido estrito, um delinquente é aquele que comete um ato qualificado como delituoso pela sociedade (Born, 2003). Na área da criminologia, segundo Yamarellos e Kellens (1970, p. 105), "o crime é todo o comportamento antissocial que dá lugar à aplicação de uma sanção de natureza punitiva pronunciada por um órgão jurisdicional que emana do poder público". No entanto, mais recentemente, duas das conceções mais utilizadas para explicar o fenómeno da delinquência juvenil relaciona-se com uma definição psiquiátrica e uma definição legal do fenómeno.

Na definição psiquiátrica surge o conceito de perturbação de comportamento (*conduct disorder*), a qual "deriva de uma grelha de análise mais psicopatológica." (Negreiros, 2008). Deste modo, trata-se de um tipo de comportamento antissocial que é clinicamente significativo, na medida em que se situa para além dos limites do que, clinicamente pode ser considerado como funcionamento normal (Kazdin, 1987). Segundo Kazdin (1996) a perturbação do comportamento, que surge como um problema clínico, também abrange uma multiplicidade de atividades, tais como, os furtos, a agressão, o vandalismo, atear fogo, fugir, desafiar a autoridade, entre outros comportamentos que podem ser denominados antissociais. Estas atividades geralmente violam as regras e expectativas sociais e muitas delas também refletem ações contra o meio ambiente, incluindo pessoas e crimes contra a propriedade. O autor defende ainda que muitos comportamentos antissociais podem emergir

ao longo do desenvolvimento normal e, portanto, demonstram ser de pouca importância. No entanto, padrões persistentes e extremos desses comportamentos entre crianças e adolescentes refletem um grave problema clínico com grande impacto pessoal e social.

Relativamente à definição legal do conceito de delinquência, num sentido estrito, baseia-se num contacto oficial com os tribunais. Esta inclui o conjunto de respostas e de intervenções institucionais e legais em relação aos menores que cometem factos qualificados como crimes (Duarte, 2012), como por exemplo, medidas de internamento em centro educativo (CE). É importante salientar que o conceito de delinquência está associado a uma certa imprecisão, uma vez que se restringe a comportamentos que podem ser punidos legalmente, enquanto a designação comportamentos antissociais é mais abrangente. Esta engloba comportamentos que correspondem tanto a atos ilegais como atos que transgridam normas sociais ou leis, que não são, no entanto, ilegais devido à idade da criança/jovem.

Por fim, a *World Youth Report* (2003) descreveu a delinquência juvenil como um conjunto de comportamentos distintos que violam a lei e/ou as normas sociais, de determinado país, sendo cometido por alguém que está abaixo da idade legal da maioridade.

A complexidade do fenômeno da delinquência juvenil, em parte, advém das inúmeras formas de expressão que os comportamentos antissociais podem assumir nos jovens, sendo que esta diversidade pode ser compreendida de maneiras distintas: em termos de gravidade dos comportamentos antissociais, da permanência ou persistência das práticas antissociais e em termos do tipo e natureza das mudanças no padrão criminal suscetíveis de ocorrer em diferentes períodos históricos (Negreiros, 2008).

Existe uma contínua preocupação relativamente aos processos de mudança na delinquência, também esta caracterizada por um polimorfismo e uma natureza flutuacional, o que dificulta a compreensão e intervenção sobre estes comportamentos, de uma forma precisa e evidente. Esta heterogeneidade é evidente nas diferentes topografias, amplitude e gravidade que os comportamentos antissociais podem assumir (Negreiros, 2008). Nesta lógica, deve-se esperar que ao longo do desenvolvimento da atividade antissocial surjam mudanças a nível da natureza e intensidade das transgressões. Por esta razão, investigadores e profissionais que intervêm junto dos jovens delinquentes não devem perder a noção de que a delinquência deve ser estudada e vista como um "fenómeno dialético e não absoluto" (Veríssimo, 1990, p. 203). Deste modo, é crucial considerar que a complexidade inerente ao desenvolvimento do comportamento antissocial não pode ser reduzida a uma teoria explicativa universal, sem abranger as suas diversas formas de expressão e mutação. Cabe aqui salientar os conceitos de mudança de tipo quantitativa – frequência e gravidade dos atos

praticados – e a mudança de tipo qualitativa – mudanças no tipo de ofensas ou nas relações entre os atos transgressivos – propostos por Lerner (1986).

Numa lógica de continuidade e mudança da atividade antissocial, através da concretização de vários estudos longitudinais, diversos autores têm vindo a apurar que subsiste uma diminuição da atividade delinquente até ao fim da adolescência (Bachman, Fréchette, Le Blanc, citados por Pingeon, 1982), pressupondo, deste modo, que o comportamento antissocial pode ser uma manifestação pontual e normativa, podendo, no entanto, ser também uma problemática que se pode desenvolver (Bazon et al., 2011., Komatsu, 2014; Komatsu & Bazon, 2015; Le Blanc, 2003; Loeber et al., 1997; Moffit, 1993; Mun et al., 2008). Um aspeto de indiscutível pertinência, no que toca os processos de mudança dos comportamentos antissociais, diz respeito à idade de início da atividade delinquente, uma vez que esta auxilia, em parte, na compreensão dos processos transgressivos mais graves e persistentes (Negreiros, 2008). Assim, a um início precoce da atividade antissocial está associado a uma trajetória delinquente mais longa e diversificada, o que foi comprovado por diversas investigações (Farrington, 1983; Fréchette & Le Blanc, 1987; Lahey & Waldman, 2004; Tolan, 1987).

De facto, Moffit (1993), seguindo uma lógica de desenvolvimento da atividade antissocial caracterizado por trajetórias de evolução distintas, concetualizou duas modalidades de expressão do comportamento antissocial: a) o comportamento antissocial- persistente; b) delinquência limitada à adolescência. Esta tipologia defende que as antagónicas trajetórias de evolução em questão têm como fator principal de diferenciação o período de vida em que os comportamentos antissociais se começaram a manifestar. Logo, na delinquência limitada à adolescência, os indivíduos não iniciam a sua atividade delituosa na infância, nem esta se prolonga para a idade adulta. Na perspetiva do autor, trata-se de um "fenómeno temporário, adaptativo e quase universal", sendo característica uma ausência de continuidade nesta modalidade de manifestação do comportamento antissocial. Contrariamente, na trajetória de comportamental antissocial persistente, os comportamentos antissociais iniciam-se precocemente (aos 4 anos de idade) e mantém-se até tarde na vida dos indivíduos, persistindo para lá da meia-idade. Além disso, segundo o autor, os indivíduos que pertencem a este tipo de trajetória dizem respeito a uma fração reduzida dos que praticam atos transgressivos.

Igualmente interessado no aspeto da continuidade da atividade antissocial, Loeber (1982) concluiu que, a continuidade destes comportamentos poderá ser mais elevada nas seguintes situações: quando os problemas de comportamento são mais frequentes, diversificados,

ocorrem mais precocemente e são praticados em diversos contextos, ou seja, está associada às situações mais extremas do comportamento antissocial.

2. O Sistema de Justiça Juvenil Português

Como já referido, em termos jurídico-legais existe uma necessidade de adotar medidas de controlo do fenómeno da delinquência juvenil. Posto isto, o sistema legal, os tribunais e as instituições desempenham um papel importante neste aspeto, sendo responsáveis por minimizar as consequências negativas que podem surgir para os menores e para a sociedade. Tal é efetivado pela existência de um sistema de justiça juvenil e a criação de Tribunais de Família e Menores, mas, acima de tudo, concretiza-se aquando da entrada em vigor, em Portugal, da Lei nº 166/99, de 14 de setembro: Lei Tutelar Educativa (LTE). Segundo esta, "A prática, por menor com idade compreendida entre os 12 e os 16 anos, de facto qualificado pela lei como crime dá lugar à aplicação de medida tutelar educativa em conformidade com as disposições da presente lei" (art.º 1º LTE- Lei Tutelar Educativa). No entanto, o que se verifica no sistema de justiça juvenil português é o facto de existir uma sobreposição entre o sistema de justiça de menores e o sistema de proteção de menores, havendo respostas diferentes para jovens que praticam crimes e para jovens negligenciados ou vítimas de abuso. (Negreiros, 2015). Além disso, segundo Krisberg (2005) tal suscitou o aparecimento de "categorias híbridas", como o conceito de "crianças com necessidade de supervisão (p. 66)". Precisamente por esta sobreposição, que pode gerar uma certa indefinição, muitos jovens que apresentam comportamentos delinquentes poderão também estar sujeitos a medidas de promoção e proteção, que começaram a ser impostas desde que entrou, igualmente em vigor a Lei nº 147/99, de 1 de setembro- Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo – LPCJP. Esta entrou em vigor desde janeiro de 2001, apelando à participação ativa da comunidade em parceria com o Estado, o que foi concretizado nas Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ).

Nos termos da legislação em vigor (n.º 2, art.º 3.º, LPCJP), dentro das muitas situações de perigo existentes, os jovens com comportamentos antissociais enquadrar-se-iam na seguinte situação e perigo: "Assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação." Segundo uma publicação, onde

é traçado um enquadramento do Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens (Carvalho, 2013), às situações de perigo tipificadas correspondem categorias específicas na aplicação informática das CPCJ (2011). Assim, à situação de perigo anteriormente mencionada, correspondem as seguintes categorias tipificadas: A criança/jovem assume comportamentos que afetam o seu bem-estar e desenvolvimento sem os pais (ou outros responsáveis), se oponha de forma adequada: i) bullying; ii) comportamentos graves antissociais ou/e de indisciplina; iii) consumo de bebidas alcoólicas; iv) consumo de estupefacientes; v) outros comportamentos; Prática de facto qualificado como crime: comportamento que integra a prática de factos ilícitos punidos pela Lei Penal. Deste modo, não é incomum que jovens que assumam comportamentos antissociais estejam sujeitos, ao mesmo tempo, a um processo penal e a um processo de promoção e proteção.

Relativamente à medida de acolhimento em instituição, que surge como última resposta legalmente prevista, existem diversas respostas sociais, sendo que, no tema em questão, cabe dar especial destaque aos Centros de Acolhimento Temporário (CAT) e aos Lares de Infância e Juventude (LIJ) (Carvalho, 2013).

O Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento (Relatório CASA), relativo ao ano 2020, mostra-nos como 27% dos jovens em situação de acolhimento, nesse ano, apresentavam problemas de comportamento. Apesar de haver um decréscimo nos últimos anos (2017 – 28,0%; 2015 – 48%) verifica-se que ainda persiste um número significativo de jovens transgressores que, alvos de uma resposta corretiva, são direcionados para instituições de acolhimento.

3. Delinquência juvenil e relações de amizade e intimidade com os pares

A literatura sugere que a influência que o grupo de pares exerce sobre o comportamento delinquente difere da forma de influência de outras relações interpessoais, nomeadamente a família (Brauer & De Coster, 2015). A importância das relações com os pares, da formação de grupos torna-se óbvia para um adolescente, inclusive para aqueles que apresentam comportamentos delinquentes, uma vez segue uma lógica de emparelhamento, típica da adolescência (Born, 2003). Demuth (2004) verificou que jovens que se isolam são menos delinquentes do que jovens que não o fazem, no entanto, salientou que existem vários aspetos negativos associados ao isolamento social na adolescência. De facto, alguns autores concluíram que tanto atividades delinquentes, como atividades pró-sociais com pares

(amizade e românticos) são capazes de garantir que certas funções sejam desenvolvidas (Azad et al., 2018). Estes autores apuraram que algumas atividades delinquentes atendem às mesmas necessidades desenvolvimentais que as atividades pró-sociais, como a criação de relações significativas, de proximidade e confiança, a socialização, autonomia em relação aos pais, sentimento de pertença positivo, confiança, etc., (Azad et al., 2018). Contudo, estes dados referem-se apenas a infratoras do sexo feminino. Uma investigação anterior de Vásquez e Zimmerman (2014) também evidencia o facto de não existirem diferenças na maneira como jovens delinquentes e jovens não delinquentes reportam e percecionam intimidade e proximidade relativamente aos seus pares. Concluíram ainda que os jovens delinquentes passam mais tempo com os seus pares. No entanto, enfatizaram que o tempo despendido com os pares, em parte, servia como um facilitador de novas oportunidades para a atividade criminal e não para o fomento da relação em si. Num estudo qualitativo realizado por Conde e Teixeira (2017) em que o objetivo passava por numa tentativa de perceber o fenômeno através da própria perspetiva dos jovens delinquentes, analisar a trajetória de vida de jovens institucionalizados e reconhecer os temas centrais da sua trajetória delinquente, verificou-se que dentro dos temas centrais destacava-se o tema de grupo de pares e os relacionamentos. Deste modo, este estudo evidencia o grande impacto (positivo e negativo) que as relações tinham na vida dos jovens delinquentes, uma vez que assumiam maior destaque nos discursos dos mesmos.

Numa outra perspetiva, analisando a questão do processo de desistência do crime em jovens delinquentes, existem algumas evidências que sugerem que uns dos principais movimentos agenciais traduzir-se-iam em: procurar e manter relacionamentos de apoio entre pares pró-sociais ou adultos, na medida em que o apego a estes serviria de motivação para mudar, assim como navegar entre grupos de pares, passando pela intenção de mudar os seus grupos de pares, maioritariamente constituído por outros jovens delinquentes, para um grupo de pares pró-social (Amemiya et al., 2017). Estes autores também salientaram a extrema importância de uma participação ativa por parte dos jovens delinquentes na desistência do crime, ou seja, a vontade de modificar ou reconstruir certos padrões de relacionamento com os pares deveria partir deles. De facto, diversos estudos foram mostrando a importância da evolução do processo de socialização do indivíduo com o tempo, esclarecendo, por exemplo, que, a partir dos 30 anos, a maioria dos delinquentes diminui a sua atividade criminal, o que revela, em parte, um recuo da inadaptação social (Cusson, 1990).

Com o objetivo de confirmar a unidirecionalidade ou bidirecionalidade da influência mediadora dos pares na explicação dos comportamentos delinquentes, Thornerry e

colaboradores, (1994) testaram 841 jovens, com idades entre os 13 e os 16 anos, da amostra longitudinal da *Rochester Youth Development Study*. Os mesmos concluíram que o associar-se com pares delinquentes pode levar à delinquência, sendo que, por sua vez, o envolvimento em atividades delinquentes podem incentivar o jovem a aumentar as suas associações com pares delinquentes, o que comprovou a existência de uma influência bidirecional. Além disso, a influência recíproca é também mediatizada pelas crenças relativas ao fenómeno da delinquência juvenil que são reforçadas pelos pares. Já Reiss e Farrington (1991) verificaram que, na adolescência, um delinquente em cinco cometeria sempre atos delinquentes em grupo e três delinquentes em cinco agiriam por vezes sozinhos, por vezes em grupo. Adicionalmente, quanto mais velhos fossem menos agiriam em grupo, uma vez que, ao longo do tempo se aperceberiam que mais facilmente seriam interpelados. Também Dishion e colaboradores, (1999), defenderam que tanto as perspetivas desenvolvimentais como os estudos com finalidades de intervenção demonstram que o início da adolescência é particularmente sensível à influência dos pares.

Por fim, torna-se importante mencionar que as teorias do controlo social defendem que variações no laço social, que se constrói através do processo de socialização, podem gerar variações nas taxas de desviância de um indivíduo. Assim, quanto maiores forem as ligações sociais de um indivíduo com outros, menor será a probabilidade de se envolver em comportamentos desviantes (Selfhout, M. H. W et al., 2008). Nesta questão, destaca-se a posição de Hirschi (1969) de que sujeitos com vínculos fracos com os outros são mais propensos a violar a lei se tal lhes beneficiar.

Indiscutivelmente, o papel dos pares, quando examinamos os comportamentos delinquentes dos jovens é uma questão que tem sido exaustiva e continuamente estudada por diversos autores ao longo dos anos, estando, deste modo, comprovada a forte influência que estes exercem sobre a probabilidade de se enveredar por trajetórias delinquentes e antissociais. De facto, segundo Grisso (1998), o grupo de pares apresenta-se como fator de risco de atos violentos futuros.

No entanto, a relação com pares numa vertente mais de intimidade não foi tão explorada e a sua influência tão comprovada como numa vertente de amizade, daí esta revisão da literatura apresentar um maior foco neste aspeto. É certo que mais recentemente tem havido esforços para dar resposta a esta falha e sabe-se, aquando destas recentes análises, que as relações amorosas para além de serem importantes para o desenvolvimento dos jovens também demonstram poder ser uma fonte de influência a comportamentos delinquentes futuros. Segundo Collins (2003), a importância que os adolescentes atribuem às suas

relações amorosas, aliada à intensidade característica de uma relação, torna-os sujeitos a uma considerável influência por parte do par amoroso.

Certas dinâmicas de controlo social salientadas por vários autores também se podem aplicar à questão da influência de relações de intimidade em comportamentos delinquentes, sendo que estas podem levar a que o adolescente mude as suas rotinas diárias, a sua rede de amigos, etc., havendo um controlo em certas áreas da sua vida (Laub & Sampson, 2003; Sampson & Laub, 1993). Por outro lado, o apego ao par amoroso também pode ter uma influência no sentido inverso, na medida em que o indivíduo pode desistir do crime para não prejudicar a sua relação com o par não delinquente, o que enfatiza o aspeto da importância da relação para o indivíduo (Giordano et al., 2010). Ainda sobre esta questão, Ouimet e Le Blanc (1996), concluíram que o casamento pode levar à desistência do crime se acontecer na altura adequada. Assim, analisando a relação entre a participação na atividade criminal e o fomento de uma relação amorosa estável, apuraram que, entre os 18 e os 23 anos, essa relação parecia estar positivamente relacionada com a atividade criminal. Pelo contrário, entre os 24 e os 32 anos, a manutenção da relação amorosa estava negativamente associada com envolvimento criminal.

Numa análise de Giordano e colaboradores, (2010) sobre a hipótese das relações *"Cold and Brittle"* de Hirschi, em que se tentou verificar se esta está correta, é possível legitimar a questão da importância da relação amorosa, proposta por Giordano e colaboradores. De acordo com Hirschi, os jovens com uma atividade antissocial mais frequente relatam um contacto menos frequente com parceiros românticos, atribuem menor importância ao relacionamento, indicam níveis mais baixos de auto-revelação íntima e menos sentimentos de amor romântico. Além disso, essa hipótese sugere que a delinquência está positivamente associada a conflitos e desentendimentos e inversamente relacionada à duração do relacionamento. Deste modo, o autor defende que os jovens apresentam uma tendência para formar relações mais *"cold and brittle"* com os seus pares, ou seja, relações frias, de pouca intimidade e sentimentos românticos, mais conflituosas e de pouca duração. Estas características evocadas por Hirschi retratam os jovens como apresentando um deficiente apego relativamente aos outros. Refere ainda que, como se trata de relações pouco íntimas, é pouco provável que possam influenciar na maneira que os teóricos da aprendizagem social sugerem. Perante esta hipótese, a análise de Giordano e colaboradores, fazendo uso de dados de entrevistas do estudo de Toledo sobre relações de adolescentes (TARS), pretendia explorar as conexões entre delinquência e o carácter das relações amorosas dos adolescentes,

averiguando múltiplas dinâmicas e características das relações (Frequência de interação; Importância do relacionamento; Auto-revelação íntima; Amor; Conflito verbal; Duração do relacionamento) que pudessem relacionar-se e explorar as características *"cold and brittle"* da hipótese de Hirschi.

Ora os resultados, na sua maioria, contrariam a hipótese de Hirschi. O autor verificou que jovens delinquentes não demonstram ser incapazes de criar ligações, de terem um apego e intimidade "normais" nas suas relações com os seus pares íntimos. Porém, novas conclusões surgiram, como a maior probabilidade de jovens delinquentes reportarem terem relações sexuais com os seus pares românticos em comparação com jovens não delinquentes, sendo que jovens que reportaram ter tido relações sexuais apresentaram uma taxa de delinquência mais elevada do que aqueles que não o fizeram (Giordano et al., 2010). Também, sendo inconsistente com a hipótese *"cold and "brittle"* a análise mostra como a duração das relações românticas não difere para jovens delinquentes, sendo que jovens delinquentes reportam passar mais tempo com os seus pares amorosos do que jovens não delinquentes. Apenas se mostra alguma consistência com a característica *"Brittle"* da hipótese, na medida em que jovens delinquentes, tendencialmente, apresentam maiores conflitos com o parceiro romântico (e pares), neste caso a nível de conflito verbal (Giordano et al., 2010).

Num estudo de Haynie e colaboradores, (2005), citando dados de *Add Health*, sobre as relações românticas de adolescentes e o envolvimento delinquente é possível destacar-se o efeito único que os pares íntimos delinquentes exercem sobre a própria delinquência (tanto menor ou mais séria) dos jovens delinquentes que participaram no estudo, assim como na delinquência das suas redes de amigos. Deste modo, é confirmada a associação significativa entre a delinquência do par amoroso e os autorrelatos de desviância dos participantes. Para além disso, verificou-se que participantes do sexo feminino, adolescentes mais novos, afro-americanos e os jovens a viver com ambos os pais apresentam níveis mais baixos de envolvimento em atos delinquentes do que os participantes do sexo masculino, adolescentes mais velhos, brancos e a viver em outras condições. Os autores destacam ainda que a associação anteriormente referida variava conforme a duração do relacionamento, havendo assim uma associação mais forte entre o parceiro delinquente e a desviância do participante nos casos em que a relação era mais duradoura. No entanto, constatou-se que a intimidade não seria uma variável que moderasse a influência do par desviante sobre os intervenientes da investigação. Tal, não foi de encontro à ideia da teoria de controlo de Hirschi (1969) de

que níveis mais elevados de apego estão associados a níveis mais baixos de envolvimento em atividade delinquente.

M. Cui e colaboradores (2012), para além de terem verificado que existe uma associação positiva entre envolvimento romântico e delinquência na adolescência, também mostraram que o número cumulativo de relações amorosas, desde a adolescência até jovens adultos, estava positivamente relacionado com comportamentos delinquentes na fase de jovens adultos. Trata-se de um estudo que segue uma lógica de *life-course perspective* que defende que experiências anteriores apresentam um impacto cumulativo nas trajetórias futuras dos indivíduos; adolescentes mais novos têm um maior risco de enveredar por comportamentos delinquentes; a insatisfação com a relação atual está positivamente associada a comportamentos delinquentes, assim como o número de relações amorosas. No entanto, a duração dessa relação atual está associada a delinquência juvenil. Este último dado sobre a duração da relação vai contra as conclusões de Haynie e colaboradores, o que insinua que ainda existem algumas inconsistências sobre certas questões que envolvam comportamento delinquente e relações de intimidade em jovens.

Porém, muitos dos dados mencionados vão de encontro aos resultados de outros investigadores, entre elas o conhecimento de que jovens (12 aos 20) que já tenham estado envolvidos em relações românticas detêm níveis mais elevados de delinquência em comparação com aqueles que não tenham tido nenhuma relação íntima (Meeus et al., 2004); a importância de características como a qualidade e duração das relações amorosas, na medida em que podem influenciar problemas de ajustamento em jovens (Collins, 2003; Farrington, 1995; van Dulmen et al., 2008), sendo evidenciado por vários estudos que uma relação de má qualidade está associada a problemas de comportamento (Collins, 2003; Meeus et al., 2004; van Dulmen et al., 2008).

Indo ainda além do mero estudo da influência das relações de intimidade no comportamento delinquente, Giordano e colaboradores, (2009) advertem para a importância de se capturar toda a rede de afiliações do adolescente, em vez de analisá-las isoladamente. Estes autores verificaram que o desvio dos pais, amigos e parceiros românticos está, cada um, relacionado com a delinquência dos entrevistados e a afiliação a um número maior de redes desviantes está associada a um maior envolvimento delinquente auto-relatado. No entanto, notaram que em todas as comparações, os adolescentes com parceiros românticos desviantes são mais delinquentes do que os jovens com parceiros pró-sociais, independentemente do comportamento dos amigos e dos pais (Giordano et al., 2009).

O tópico da sexualidade e da violência no namoro requerem ser mencionados quando falamos de relações de intimidade, havendo um interesse especial quando estamos perante o fenómeno da delinquência juvenil. Um estudo desenvolvido por McCarthy e Casey (2008) sugere que o romance e as relações sexuais podem ter efeitos diferentes. Enquanto as relações caracterizadas por exclusividade e amor são capazes de eliminar a significância da associação positiva entre atividade sexual em adolescentes e ofensas criminais, as relações em que não existam sentimentos românticos, ou subsista apenas a atividade sexual fora de uma relação amorosa, intensificam a associação entre relação sexual e crime. Posto isto, sugere-se que existem dois efeitos opostos no que toca o envolvimento amoroso e o crime: uma relação romântica parece desencorajar o crime e desenvolver os laços sociais, mas a atividade sexual, sozinha, ou numa relação em que não existam sentimentos amorosos, parece ter o efeito oposto, uma vez que aumenta a tensão criada pelas relações.

No tema da violência, Gonçalves (2013) na sua dissertação de mestrado em Psicologia da Justiça concluiu que as relações (atuais e passadas) dos jovens participantes são caracterizadas por violência (física e emocional). Tal demonstra que se trata de uma amostra de jovens delinquentes que banaliza e legitima a pequena violência, como resultado das suas crenças favoráveis no que toca a violência do namoro (nos jovens estrangeiros e portugueses). Para além disso, o estudo acrescenta a dimensão da Aceitação-Rejeição do par amoroso, sendo que o grupo estudado demonstra uma clara "preferência" pela dimensão Hostilidade da rejeição (Carinho, Hostilidade, Indiferença, Rejeição indiferenciada, Rejeição total) nas suas relações amorosas (tanto nos jovens portugueses como nos jovens estrangeiros), sugerindo uma a posição mais violenta no namoro em jovens delinquentes. De facto, diversos autores defendem que a delinquência juvenil demonstra ser um preditor de uma relação íntima futura caracterizada pela perpetração de violência e vitimização (Giordano et al., 1999; Moffitt et al., 2001).

Também o fim do relacionamento em jovens delinquentes parece ter um impacto significativo, no sentido de aumentar a atividade delinquente. Num estudo longitudinal que contou com 1354 jovens infratores de elevada gravidade, contrastando jovens que experienciaram o fim de relacionamento com os que não experienciaram, apurou-se que ocorriam muito mais atos delinquentes durante os períodos de rompimento de relacionamento (Larson et al., 2016).

Algumas inconsistências nos resultados, encontradas ao longo destes estudos, leva-nos a crer que esta relação entre o envolvimento romântico e delinquência juvenil demonstra ser um fenômeno complexo que pode variar conforme as amostras, regiões, culturas e

principalmente conforme o método utilizado para as estudar. Por exemplo, uma limitação de alguns destes estudos deve-se ao facto de fazerem uso de dados da *National Longitudinal Study of Adolescent Health (Add Health)* em que as questões relativas ao amor enfatizam comportamentos em detrimento da subjetividade das experiências subjacentes a estas relações de intimidade. Tal, sugere que se trata de um fenômeno que carece de uma investigação mais qualitativa que poderia contribuir para diminuir as inconsistências da literatura existente e melhor estudar a subjetividade destas relações que, por si só, são inerentemente subjetivas e variam no seu significado de sujeito para sujeito. Enquanto um método quantitativo permite averiguar se existe uma influência dos pares no comportamento delinquente, uma abordagem qualitativa é capaz de melhor explorar nunces que afetam estas relações, como as diferentes escolhas românticas, significados e importância destas para o indivíduo, etc., (Giordano et al., 2010).

4. Objetivos e questões de investigação

Com esta ideia de que existem diferenças, em termos de perceções e significados nas relações com os pares (principalmente nas relações amorosas) para cada indivíduo, o presente estudo irá basear-se numa abordagem qualitativa. Deste modo, já se tendo consciência da influência das dinâmicas destas relações no comportamento delinquente, pouco se explorou e se sabe sobre os significados e opiniões dos próprios jovens delinquentes relativamente às suas relações de amizade e intimidade.

Posto isto, este estudo tem como principal objetivo analisar a forma como os jovens delinquentes percecionam e atribuem significado às suas relações com os pares, nas vertentes de amizade e de intimidade, assim como perceber a sua opinião relativamente à influência que estas relações podem exercer no seu comportamento delinquente. Para além disso, pretende-se ainda conhecer a perspetiva dos jovens transgressores no que toca o seu próprio comportamento delinquente e relativamente às diferenças que podem existir entre os dois tipos de relação, sendo que se espera que as suas respostas ajudem a compreender melhor o fenómeno da delinquência juvenil e as suas influências na perspetiva dos participantes.

Perante estes objetivos formularam-se as seguintes questões de investigação:

1. *Que importância atribuem os jovens delinquentes às suas relações de amizade com os pares?*

2. *Que importância atribuem os jovens delinquentes às suas relações de intimidade com os pares?*
3. *Como é que jovens delinquentes descrevem o seu próprio comportamento delinquente e como vêm a influência dos pares e parceiros românticos sobre este?*
4. *Que diferenças apontam entre a relação com os pares e a relação com o/a parceiro/a romântico?*
5. *Em que medida consideram que a relação com o amigo ou namorado foi determinante na sua decisão de começar a praticar atos delinquentes?*

Método

1. Participantes

As entrevistas foram realizadas em duas instituições de acolhimento que albergavam jovens com comportamentos delinquentes. O Lar Juvenil dos Carvalhos é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que se rege pela Lei nº 147/99 de 1 de setembro, assim como por outras disposições legais e técnicas determinadas para a resposta social de Lar de Infância e Juventude (LIJ) – Resposta social, desenvolvida em equipamento, destinada ao acolhimento de crianças e jovens em situação de perigo, de duração superior a 6 meses, com base na aplicação de medida de promoção e proteção (Carvalho, 2013). O Centro Juvenil de Campanhã – Seminário dos Meninos Desamparados é também uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) fundada em 1814, correspondendo, por sua vez, a um Centro de Acolhimento Temporário (CAT) – Resposta social, desenvolvida em equipamento, destinada ao acolhimento urgente e temporário de crianças e jovens em perigo, de duração inferior a seis meses, com base na aplicação de medida de promoção e proteção (Carvalho, 2013).

Deste modo, o presente estudo conta com uma amostra intencional composta por 10 jovens, sendo que a escolha do grupo a participar no estudo obedeceu aos seguintes critérios: a) ter entre 12 e 21 anos; b) estar internado numa instituição de acolhimento; c) apresentar um histórico de práticas delinquentes e antissociais, tais como atos agressivos, furto, vandalismo, fugas ou outros comportamentos que, de um modo geral, expressem uma

violação de normas ou de expectativas socialmente estabelecidas; d) estabelecer um compromisso com o estudo e disponibilidade para ser entrevistado.

Da análise dos dados sociodemográficos, verificou-se que a idade dos participantes variava entre os 14 e 17 anos, tendo a maioria reprovado de ano, pelo menos uma vez. Relativamente à questão do agregado, apurou-se que metade já passou por mudanças no mesmo, destacando-se aqui o facto destas mudanças se verificarem nos casos em que as famílias são mais extensas.

Tabela 1

Dados sociodemográficos

	Idade	Gênero	Escolaridade	Agregado	Mudança Agregado
A	14	Masculino	7º ano	Mãe, tio, primo e avó	Sim
B	14	Masculino	7º ano	Mãe e irmãos	Não
C	14	Masculino	6º ano	Mãe, namorado da mãe e irmãos	Sim
D	14	Masculino	7º ano	Mãe e pai	Não
E	17	Masculino	10º ano	Avós paternos	Sim
F	16	Masculino	9º ano	Pais e irmão	Não
G	16	Masculino	9º ano	Tia (“emprestada”)	Sim
H	14	Masculino	8º a acabar cadeiras do 7º	Mãe	Não
I	17	Masculino	7º ano	Mãe, padrasto e irmãs	Sim
J	17	Masculino	10º ano	Mãe e irmã	Não

2. Instrumento de recolha de dados

O estudo recorreu a uma metodologia qualitativa, fazendo-se uso de uma entrevista semiestruturada, o que permite uma maior flexibilidade. A entrevista semiestruturada é o instrumento de recolha de dados mais utilizado num estudo qualitativo, uma vez que garante a subjetividade e a maximização do significado nos discursos dos participantes. Deste modo, a entrevista construída possibilita-nos compreender, em profundidade, a maneira como os seus respondentes vivenciam o fenômeno da delinquência juvenil e analisam/descrevem o seu próprio comportamento e as suas relações com os pares.

Salienta-se que a entrevista, como instrumento de recolha de dados, exige que o entrevistador esteja preparado a nível dos conteúdos teóricos e da habilidade de entrevistar, transcrever e analisar os dados (Batista et al., 2017), sendo que o estabelecimento de um ambiente de confiança e a criação de uma relação empática com o entrevistado são também aspetos fundamentais. Para além da necessidade de planeamento prévio, o aspeto ético da realização da entrevista também não pode ser esquecido nas suas variadas formas, como a decisão do local, o modo e momento da sua realização (Batista et al., 2017), assim com as questões da confidencialidade e anonimato.

Posto isto, através da análise da literatura e tendo em conta os objetivos do estudo foi elaborado um guião entrevista (Anexo A) composto por 30 perguntas. Algumas questões relativas à importância que os jovens delinquentes atribuem às suas relações de amizade com os pares e à importância que os jovens delinquentes atribuem às suas relações de intimidade com os pares (e.g., "Tens algum problema em dar-te com os teus amigos? Que tipo de problemas? O que tentas fazer em relação a isso?") basearam-se em questões Entrevista Clínica Semi-estruturada para Crianças e Adolescentes (ECSCA; versão portuguesa de. Araújo, M.S., Gonçalves, M. & Teixeira, M. J., 1996), mais concretamente nas questões correspondentes à área dos amigos.

3. Procedimentos de recolha e análise de dados

O consentimento (Anexo C) e o pedido de permissão para o desenvolvimento do estudo nos dois centros de acolhimento (Anexo D) - Lar Juvenil dos Carvalhos e Centro Juvenil de Campanhã - foram devidamente enviados e assinados, respetivamente.

As entrevistas, de formato individual, foram realizadas nos dias 12 e 26 de janeiro pelas 15h horas, tendo como duração média 14 minutos.

Antes da concretização das entrevistas, no dia 10 de dezembro foi efetuada uma reunião no Centro Juvenil de Campanhã com o objetivo de discutir com o Diretor os jovens que poderiam corresponder aos critérios da amostra. Mais tarde, após contacto com a instituição para acordar a data de entrevistas, surgiram alguns constrangimentos, sendo que, devido a um surto de Covid- 19 na instituição as entrevistas só puderam ser realizadas no final do mês. Inicialmente, o objetivo era analisar as experiências e discursos de ambos os sexos relativamente à temática a ser estudada, no entanto, devido ao feedback limitado por parte das instituições, apenas foi possível realizar as entrevistas em centros de acolhimento que albergassem jovens do sexo masculino.

Estando todas as diligenciadas necessárias à concretização das entrevistas asseguradas, a 12 de janeiro foram realizadas as entrevistas a 4 jovens do Lar Juvenil dos Carvalhos, uma vez que houve uma desistência e retirada de consentimento por parte de um jovem diminuindo a amostra para 10 participantes.

No dia 26 de janeiro foram realizadas as entrevistas a 6 jovens do Centro Juvenil de Campanhã. Inicialmente, articulou-se com os responsáveis pela instituição para decidir a ordem dos jovens e os respetivos precedentes. Às instituições foi garantida a partilha dos resultados da investigação, assim que estivesse concluída. Também foi facultado aos jovens participantes um cartão com contacto eletrónico para que pudessem comunicar, caso estivessem interessados em receber um pequeno documento com alguns resultados e conclusões do estudo.

É necessário salientar que antes da realização das entrevistas, cada jovem foi informado em relação ao tema, objetivos do estudo e do seu importante contributo neste. Foi dado tempo para o esclarecimento de qualquer dúvida e para voltar a frisar a sua confidencialidade, anonimato e direito do participante em desistir do estudo a qualquer momento. Foi ainda obtida a autorização para a gravação em áudio das entrevistas.

Relativamente à análise dos dados recolhidos, o estudo contou com a ajuda do Programa N Vivo, um software de análise de dados qualitativos, para organizar a informação recolhida e codificá-la, facilitando a sua estruturação. Este demonstrou ser bastante útil, no sentido em que ajudou diminuir o tempo que se seria despendido na tarefa de análise, assim como facilitou a organização dos discursos recolhidos para posterior interpretação.

Acrescenta-se a este programa, outro procedimento de análise de dados importante, sendo ele a análise de conteúdo de Bardin (1977). Este veio complementar o software, havendo uma necessidade de interpretação do texto por parte do investigador, de forma rigorosa.

No estudo em questão, como o objetivo principal passa pela compreensão das opiniões e perceções dos jovens delinquentes a respeito das suas experiências, utilizou-se a análise categorial, seguindo uma lógica indutiva. Deste modo, este tipo de análise consiste no processo de associar um texto a categorias, temas ou padrões relevantes que se consigam identificar no texto e que, sendo idênticos, procede-se a agrupá-los. Simplificando, transforma-se o conteúdo em unidades de análise, mas, especificando, trata-se de "um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens" (Bardin, 2006, citado por Mozzato & Grzybovski, 2011)**,** havendo assim uma preocupação de compreender o sentido destas comunicações. Neste sentido, revela-se um método adequado para este estudo, uma vez que possibilita a análise das respostas dos participantes, percebendo as significações explícitas e implícitas dos seus discursos.

Seguindo a lógica de fases da análise de conteúdo de Bardin (1977), dividida em três momentos distintos – Pré-análise, Exploração do material e Tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação – depois de uma leitura flutuante e análise prévia de todo o conteúdo disponível a ser investigado, seguiu-se a recolha de dados e, posterior transcrição de todas a entrevistas, na íntegra. Posteriormente, procedeu-se à codificação e categorização do conteúdo, sendo que no estudo em questão esta fez-se e classificou-se tendo em conta os temas que iam surgindo nos discursos dos jovens delinquentes. Este segundo processo, demonstrou ser muito importante, pois permitiu e facilitou as interpretações e inferências construídas, depois do texto já ter sido tratado, sintetizado e terem sido destacadas as informações para a sua análise.

Por último, é de referir que, por questões de validade, o uso de novas tecnologias, como o *Programa N vivo,* foi uma vantagem nesta questão de validação dos resultados, facilitando a análise dos conteúdos em abordagens qualitativas. Tal verificou-se pela questão de organização e divisão da informação e pelo facto de permitir verificar e confirmar as unidades de registo que surgiam, mais frequentemente, nos discursos dos jovens de forma automática. Deste modo, possibilitou a utilização, tanto a medida de presença (ou ausência) como a medida de frequência na fase de codificação (Bardin, 1977). Além disso, seguindo alguns critérios alternativos aos quantitativos, propostos por Guba e Lincoln (1989), foi possível realizar uma investigação qualitativa rigorosa, na medida em que se fez uso de transcrições/excertos para suportar as análises e interpretações – Transferabilidade; se registou todas as fases do processo de investigação (formulação do problema, seleção do contexto e dos participantes…) e se submeteu essa informação a outros investigadores

(orientador), de maneira a perceber se foram adotados procedimentos corretos, se importa recolher mais informação, etc. – dependabilidade; não se agiu conforme as inclinações teóricas, não enviesando a conduta da investigação e as respetivas conclusões – Confirmabilidade;

Apresentação e discussão dos resultados

Analisaram-se as narrativas e experiências dos jovens delinquentes, no que se refere às relações com os pares, nas vertentes de amizade e intimidade, assim como as suas visões no que toca os seus comportamentos. Desta análise, foram identificadas 10 categorias, tendo estas emergido dos discursos dos jovens aquando de recolha de dados. As categorias criadas a partir da análise de conteúdo foram as seguintes: Problemas, Perceção da relação, Importância da Relação e Importância do Envolvimento sexual, que surgiram na primeira e segunda questão de investigação; Avaliação do comportamento antissocial e Influência dos pares, que sobressaíram da terceira questão; Mais importância e Mais influência para a quarta questão; Fator determinante para a quinta questão de investigação. Da análise da entrevista surgiu ainda um novo tema – Impacto da institucionalização – que se considerou relevante acrescentar e interpretar, tendo em conta o seu número significativo de menções, por parte dos jovens. Mostrou, deste modo, ser uma dimensão complementar relativamente à questão das interpretações que os jovens delinquentes efetuam sobre os seus próprios comportamentos.

As categorias Perceção da relação, Influências pares, Mais importância e Impacto da institucionalização dividiram-se ainda em subcategorias, que serão mencionadas e exploradas mais à frente, assim como o resto das categorias formuladas, em função das questões de investigação.

1. Importância das relações com os pares (amizade e intimidade)

Tentou-se compreender que importância os jovens delinquentes atribuem às suas relações de amizade e intimidade. As primeiras questões relativamente a este tópico tiveram como objetivo recolher características gerais e diretas sobre o grupo de amigos e a namoradas dos participantes. Relativamente aos amigos, a maioria relatou ter muitos amigos (e.g., *"Não sei.*

Tenho muitos." Uma estimativa mais ou menos. "Duzentos" – PH[1]), à exceção de três jovens, não conseguindo especificar um número em concreto. De facto, vários autores discutem a relevância da questão da quantidade de amigos na adolescência. Parker e Asher (1993) afirmam que a maioria dos jovens adolescentes têm pelo menos uma amizade em comum com alguém e muitos têm vários amigos em comum. No entanto, a qualidade dessas relações já demonstra variar muito mais para os jovens, em termos de boa qualidade e conflitos (Rubin et al., 2015). Claes e Simard (1992) concluíram que a dimensão das redes de amizade de jovens delinquentes não difere das redes de amizade dos jovens não delinquentes. A verdade é que nesta população, julga-se a popularidade de um jovem, conforme o número de amigos que este tenha (LaFontana & Cillessen, 2002). Mais numa perspetiva de controlo social, o ter muitos amigos pode levar ao aumento da popularidade percebida e, consequentemente, fomentar perceções de visibilidade social e poder (Lease et al., 2002).

Além disso, da análise de resultados verificou-se que a maior parte dos jovens contou que o seu grupo de amigos era constituído mais por rapazes do que raparigas, sendo que as idades dos amigos variavam muito (tanto mais novos e da mesma idade, como mais velhos), o que parece ser uma consequência do elevado número de amigos expresso pela maioria. No que toca à experiência de namoro, apenas um jovem referiu nunca ter tido namorada e metade dos participantes relataram que já se teriam envolvido sexualmente com a sua parceira atual ou anterior.

1.1. Problemas

No que se refere aos aspetos mais negativos, possíveis de surgir numa relação, procurou-se perceber se os jovens entrevistados percecionavam, nas suas relações com os pares, algum tipo de conflito, dificuldade, desentendimento, característicos ou frequentes nos seus relacionamentos com o grupo de amigos e/ou namoradas.

Deste modo, metade dos participantes referiu que não existiam problemas na sua relação com os amigos, sendo que a outra metade afirmou persistirem situações em que se chateavam *"por coisas mínimas"* (PI) com os amigos, resolvendo os desentendimentos com agressividade física e/ou verbal. No caso das relações com o par amoroso, a maioria disse que não existiam complicações na sua relação, tendo apenas dois participantes referido duas

[1] Para que fosse garantido o anonimato dos participantes e para facilitar a apresentação e interpretação dos dados, foi atribuído um código a cada um, sendo identificados com a letra P (Participante) e uma letra do abecedário da ordem pela qual a entrevista foi realizada.

situações: questões de falta de tempo para estar com a parceira e questões de ciúmes entre os dois.

> *Às vezes é que nos irritamo-nos às vezes, temos aí umas discussões algumas e isso, mas de resto… não temos problemas nenhuns uns com os outros". E quando discutem como é que tentas resolver isso? "Ou saio à porrada ou saio aos insultos.* (PC)

Estes resultados vão de encontro aos resultados de Giordano e colaboradores (2010), que procuraram testar a hipótese de Hirshi sobre as relações com os pares, tendo concluído que os jovens delinquentes, tendencialmente, apresentam maiores conflitos com o parceiro romântico (e grupo de pares) que jovens não delinquentes, mais concretamente a nível de conflito verbal.

No entanto, no caso do par amoroso, os jovens entrevistados não reportaram violência na relação, o que contraria as descobertas de alguns autores que defendem que a delinquência juvenil demonstra ser um preditor de uma relação íntima futura caracterizada pela perpetração de violência e vitimização (Giordano et al., 1999; Moffitt et al., 2001).

1.2. Perceção da relação

Um dos pontos fulcrais desta investigação passa por compreender como os jovens delinquentes avaliam a sua relação com os pares, nas duas vertentes examinadas. Nesta questão, procurou-se perceber que características os mesmos associam às suas relações e como descrevem as mesmas. As respostas obtidas nesta categoria focaram-se na qualidade das relações, entendida pelos participantes e dividiram-se em 3 subcategorias.

1.2.1. Perceção da relação – Amigos

Todos os jovens interrogados descreveram a sua relação com os amigos como sendo qualitativamente "boa". Segundo os participantes, trata-se de relações positivas, com várias características associadas, como a ajuda, apoio (e.g., *"E que estão sempre quando eu preciso né, estão sempre lá para me apoiar. Esteja errado ou certo né ajudam-me sempre"* – PG), compreensão (e.g., *"Porque a maior parte dos meus amigos são pessoas que posso falar e que me entendem e…ya"* – PJ) e o facto de os amigos serem boas pessoas.

Estas qualidades positivas apontadas pelos jovens entrevistados parecem coincidir, em parte, com as conclusões de Vásquez e Zimmerman (2014) de que não existem diferenças na maneira como jovens delinquentes e jovens não delinquentes reportam e percecionam intimidade e proximidade relativamente aos seus pares, uma vez que os participantes apontaram características que parecem estar interligadas com as de apego aos outros. Um

estudo de Selfhout, M. H. W e colaboradores (2008) mostrou como a delinquência na adolescência não contribuía para existência de diferenças na perceção da qualidade da relação com os pares, ao longo do tempo. Sendo consistente com descobertas, como o facto de jovens delinquentes experienciarem a mesma qualidade nas suas amizades que jovens não delinquentes (Solomon, 2006), os resultados do estudo indicaram que a delinquência não perturba a qualidade da amizade percebida. Assim, os resultados do presente estudo, nesta questão, não estão de acordo com a teoria do controlo social (Hirschi 1969) de que jovens com comportamentos delituosos apresentam níveis apego mais baixos relativamente aos pares. A verdade é que, Selfhout, M. H. W e colaboradores (2008) referem que várias investigações sobre as associações entre a qualidade das relações percebida e a delinquência têm revelado resultados inconsistentes e contraditórios. De facto, Agnew (1991) verificou que a delinquência dos amigos tem um efeito forte em comportamentos delinquentes graves quando se registam altos níveis de intimidade com os pares, mas nenhum efeito em registos de intimidade baixos ou intermédios. Contrariamente, outros estudos mostraram como os pares delinquentes podem ter uma maior influência nos comportamentos quando as relações de amizade são de baixa qualidade (e.g., Berndt & Keefe, 1995).

Adicionalmente, num outro estudo qualitativo foram obtidos resultados semelhantes ao presente estudo, percebendo-se que, nas visões dos jovens delinquentes, o grupo de pares surge como sinónimo de partilha, de compreensão, de companheirismo, de troca de experiências, independentemente de persistir num contexto onde ocorre o consumo de substâncias e alguns comportamentos delinquentes (Conde & Teixeira, 2017).

1.2.2. Perceção da Relação – Namorada

Os resultados relativos à perceção da relação com a namorada não parecem diferir dos que concernem o grupo de amigos. Praticamente todos os que relataram já ter estado numa relação amorosa também classificaram a sua relação com a namorada (atual ou anterior) como sendo qualitativamente "boa", há exceção de um jovem que expressou diretamente que valorizava mais a relação com os amigos. Também se averiguou que eram relações positivas, sendo que apenas divergiam em relação a algumas características mencionadas. Desta forma, os jovens delinquentes valorizam aspetos como a ajuda (*"(…). É humilde para mim né. É humilde. É amiga e está sempre disposta a ajudar"* – PG), o respeito mútuo, a beleza (e.g., *"Que era bonita… era perfeita basicamente"* – PH) e a personalidade na companheira.

> *É uma pessoa amorosa, gosta de brincar com as pessoas… às vezes brinca demais e as pessoas não gostam, mas para mim ela está tudo bem ela pode fazer o que ela quiser que eu dou-me bem na mesma com ela… tipo temos nossas coisas tipo brincadeiras e isso tudo, temos as nossas coisas a parte (…).* (PB)

Também no caso do par amoroso, os resultados obtidos corroboram o verificado por Giordano e colaboradores (2010), na sua análise da teoria de controlo social de Hirshi (1969). Assim, assegura-se que os jovens delinquentes não demonstram ser incapazes de criar ligações e de terem um apego e intimidade "normais" nas suas relações com os seus pares íntimos, não havendo diferenças, nesse sentido, relativamente aos jovens não delinquentes. Um resultado similar foi obtido por Vásquez e Zimmerman (2014), que mostram como a maneira como jovens delinquentes e jovens não delinquentes reportam e percecionam intimidade e proximidade relativamente aos seus pares não difere entre eles.

Porém, existem alguns dados contrários ao verificado no presente estudo, tais como o facto de características como a qualidade das relações poder levar a problemas de ajustamento nos jovens (Collins, 2003; Farrington, 1995; van Dulmen et al., 2008), estando uma relação de má qualidade associada a problemas de comportamento (Collins, 2003; Meeus et al., 2004; van Dulmen et al., 2008). Tais questões não se verificam nesta investigação, uma vez que os jovens entrevistados apresentam um historial problemas de comportamento, mas não percecionam relações negativas com os pares, nas duas dimensões examinadas. De facto, Haynie e colaboradores (2005), num estudo sobre as relações românticas em adolescentes e o envolvimento delinquente, constataram que a intimidade não parecia ser uma variável que moderasse a influência do par desviante sobre os intervenientes da investigação.

1.2.3. Perceção da relação - Amigos instituição

No desenrolar das entrevistas, foi-se notando nos discursos dos participantes uma distinção entre os amigos que os mesmos tinham antes de entrar na instituição e os amigos que criaram (ou não) na mesma. Apesar de uma maioria classificar a relação com os restantes jovens das instituições como sendo "boa", muitos expressaram, ao mesmo tempo, que apenas alguns eram considerados amigos, existindo alguma ambivalência e incerteza nesta questão. Além disso, verificou-se uma prevalência de visões antagónicas relativamente à relação que tinham com os restantes jovens que estavam nas instituições. Por um lado, apurou-se que metade dos entrevistados possuem uma certa *Desconfiança* em relação aos restantes jovens da instituição, chegando alguns, inclusive, a reprovar os comportamentos de certos colegas, não se aproximando deles e não dando confiança para não serem, também eles, prejudicados

(e.g., "*Porque num dou confiança. Num têm respeito pelos outros, na maioria. E só estão bem a desestabilizar"* – PG).

Num estudo que abordava as perceções de graduados bem-sucedidos em programas residenciais juvenis, a maioria dos participantes referiu que algumas das dificuldades que encontraram ao longo dos programas relacionavam-se com associação negativa com pares (Mincey et al., 2008). Os mesmos explicitaram que a forma de obter resultados de sucesso na reabilitação, passava pelo contacto dos jovens transgressores com outros que desejassem os mesmos resultados positivos. Noutra perspetiva, num estudo que comparou amostras de jovens não delinquentes com jovens delinquentes institucionalizados, relativamente às relações com pares, os resultados indicaram que os jovens com status-popular eram caracterizados por comportamentos sociais positivos e os jovens com status-rejeitado eram caracterizados por comportamentos sociais negativos. Mais especificamente, jovens com status popular foram avaliados como líderes e com habilidades sociais cooperativas, enquanto jovens de status-rejeitado foram avaliados como sendo mais agressivos e ativamente isolados do grupo de pares (Preveaux et al., 2004). Tal, pode justificar, em parte, resistência de alguns participantes em aproximarem.se de outros colegas da instituição.

> *Talvez … não sei bem. Porquê? Porque isto aqui é tipo é só onde eu vou ficar temporariamente. Eu antes de vir para aqui não os conhecia de lado nenhum, tirando um rapaz que é de lá onde eu moro. Esse eu conhecia, veio há pouco tempo, mas de resto não tenho assim ninguém então não tenho a certeza de quem é que eles são… mesmo estando aqui já há algum tempo.* (PA)

Por outro lado, houve quem identificasse os amigos da instituição como sendo *Família*, no entanto, em menor número: "*Não amigos, quase irmãos. Tou sempre com eles… é como se já fossem da minha família."* (PC). Outra conclusão surgiu, no mesmo estudo, que jovens com status-rejeitado relataram ter relacionamentos de maior qualidade com melhores amigos do que os jovens mais populares (Preveaux et al., 2004), o que pode sustentar esta grande aproximação com os amigos da instituição, para alguns casos.

1.3. Importância da Relação

No que respeita a categoria Importância da relação, procurou-se perceber o valor e significância que os jovens delinquentes atribuem à relação com os pares, nas duas vertentes.

Quando perguntados, todos os participantes consideram que a sua relação com os amigos seja importante, no entanto, uns expressando mais importância do que outros. Os jovens delinquentes ao justificaram essa importância, fizeram sobressair dimensões como a socialização, ajuda (e.g., *"Porque quando eu preciso de coisas eles dão. Quando eles*

precisam eu também lhes dou. Eles ajudam-me no que for preciso e eu a eles! Nós ajudamo-nos uns aos outros" – PC) e o tempo (de amizade). Nos seus relatos, notou-se que, apesar de nenhum jovem ter expressado que os amigos não têm importância na sua vida, persistia uma importância ainda superficial, sendo que um número razoável afirmou que os amigos tinham apenas um pouco de importância. Segundo Blau (1964), espera-se que os delinquentes sejam temporariamente populares durante a adolescência e, portanto, formem amizades superficiais ou fracas, principalmente por meio da reciprocidade. Além disso e mais significativo para esta questão, algumas justificações passavam pelo facto de os amigos serem importantes, pois, assim, os jovens entrevistados não ficavam sozinhos (e.g., *"Têm alguma importância, mas… ando mais também porque não gosto de ficar sozinho. É mais para me distrair."* – PA), possibilitavam que saíssem de casa por já terem companhia (e.g., *"Porqueee convivo com eles, saio com eles, isso faz com que eu não esteja em casa. Por exemplo, estar sempre em casa faz mal percebe… o socializar percebe? Senão não ia sair sozinho num é."* – PE), por considerarem que são amigos já há um tempo considerável (e.g., *"Cresci com eles. Alguns que eu cresci com eles. Muitos… da creche. A maioria são todos da creche."* – PH), etc.

Os resultados de um estudo realizado por Rebellon (2006) sugerem que a delinquência está positivamente relacionada com o tempo que os jovens passam a socializar e a importância que atribuem a essa socialização. Nesta perspetiva, será relevante mencionar a questão do capital social, proposta por Coleman (1988,1990). Este defende que o enraizamento social é importante porque serve como um recurso que gera capital social, constituído por obrigações e expectativas de comportamento, além de canalizar informações, normas e sanções. Ora, para os adolescentes, as redes de amizade são contextos sociais que geram capital social que atende às suas necessidades de aceitação social, identidade pessoal e sentimento de pertença na hierarquia de pares adolescentes. Neste contexto, McCarthy e Hagan (1995) argumentam que o capital social não precisa promover apenas resultados positivos, mas também pode levar a resultados negativos, como crime e delinquência, acontecendo quando os adolescentes estão inseridos em redes sociais que geram capital social, que é usado para facilitar o envolvimento de delinquentes.

Vários autores também atestam a importância do grupo de pares na fase da adolescência, reconhecendo que a medida que vão amadurecendo lutando pela sua pela autonomia, tendem a desviar a atenção dos pais, sendo que os pares se vão tornando cada vez mais importantes (Steinberg & Silverberg, 1986; Zimmer-Gembeck, & Collins, 2003).

No que diz respeito à relação com a namorada, a maioria afirmou ser importante para si, sendo que, nesta situação, apesar de não ser uma maioria absoluta como no caso dos amigos, ninguém expressou pouca importância, pelo contrário, muitos dos jovens referiram uma elevada importância da relação. O que se verificou foi que os mesmos valorizam, principalmente, a atitude da namorada para com eles, surgindo dimensões como o afeto, o amor, a ajuda e cuidado. Mais uma vez, comprovado por Giordano e colaboradores (2010), o apego ao par amoroso, referido pelos jovens entrevistados, tem o poder de influenciar os jovens delinquentes, num sentido mais positivo, o que enfatiza o aspeto da importância da relação para o indivíduo (Giordano et al., 2010).

> *Oh muito" (…) O que gostas nela? Oh de tudo. Como ela fala comigo, como ela me trata. E como é que ela te trata? Oh trata-me bem, não sei, trata-me como se fosse o bebé dela. E tu gostas? Acena positivamente. (PI)*
> *É muito importante" E porquê? "Porque começamos tendo uma conversa e do nada apaixonei-me, mas 100% apaixonei-me 100%.* (PH)

Num estudo qualitativo realizado por Conde e Teixeira (2017), verificou-se que dentro dos temas centrais da trajetória delinquente, mencionados pelos jovens participantes, destacava-se o tema de Grupo de pares e os Relacionamentos. Mais concretamente, no caso das relações amorosas, a maioria era descrita como positivas, sendo relatado pelos jovens entrevistados que despertavam "sentimentos especiais". Deste modo, este estudo evidenciou o impacto e importância que as relações, nas duas vertentes analisadas, têm para os jovens.

1.4. Importância do Envolvimento sexual

Considerou-se pertinente explorar as opiniões dos jovens delinquentes relativamente à relevância da prática sexual para a relação com a parceira. Verificou-se que para três jovens o envolvimento sexual não é importante para a relação, surgindo ainda para muitos deles, uma importância condicionada, o que pode relacionar-se com as suas crenças intrínsecas relativamente ao tópico. Ou seja, segundo os jovens delinquentes, o envolvimento sexual com a namorada é importante para a relação, no entanto, existem outros aspetos que consideram mais importantes e/ou existem condições essenciais que devem ser cumpridas para que esse envolvimento seja relevante, como por exemplo, só se envolver sexualmente quando for mais velho, só com *x* tempo de relação, etc.

> *Não. Acho que o importante das relações não é fazer… o fazer relações, o ter relações sexuais. Para mim o importante não é isso. E porquê? Porque num vivemos disso. Eu pelo menos, falo por mim, o*

gostar para mim não é isso né porquee…, portanto para mim é poder-se confiar na pessoa, ser humilde um para com o outro, ajudar né e não desapontar. (PG)
É importante mais tarde. Em que idade mais ou menos é que achas que deve ser? Depois dos 18. E aí porque achas que seria importante? Acho que seria importante com uma pessoa que conheço. (PF)

Neste tópico, a literatura sugere que relações amorosas e as relações sexuais podem ter efeitos diferentes para os jovens delinquentes (McCarthy & Casey, 2008). Enquanto as relações caracterizadas por exclusividade e amor parecem desencorajar o crime, as relações em que não existam sentimentos românticos, ou subsista apenas a atividade sexual fora de uma relação amorosa, intensificam a associação entre relação sexual e crime, uma vez que aumenta a tensão criada pelas relações. Ora, no estudo em questão não se avaliou a influência que a atividade sexual com a parceira sexual poderia ter no comportamento dos jovens, segundo as suas opiniões, não havendo, portanto, evidências para confirmar esta questão. No entanto, o que se pôde verificar foi que, os jovens entrevistados que estavam ou já tinham estado numa relação amorosa, reportaram sentimentos românticos e uma elevada importância da relação com a namorada.

2. O comportamento antissocial e a influência dos pares sobre este

2.1. Avaliação do Comportamento antissocial

No que diz respeito aos comportamentos exibidos pelos jovens delinquentes, tentou-se perceber quais as opiniões e descrições que os mesmos formulavam, quando questionados acerca dos comportamentos passados e comportamentos que contribuíram para a sua institucionalização. Primeiro é importante salientar que, em alguns participantes, foi notória alguma resistência em responder diretamente quando questionados do motivo do seu internamento. Deste maneira, para esses casos respeitou-se a vontade dos participantes em não partilhar totalmente a sua história, não se insistindo demasiado, uma vez que também já teria sido fornecida uma contextualização prévia dos participantes pelo diretor da instituição.

Relativamente às impressões que os jovens delinquentes possuem sobre o seu próprio comportamento, verificou-se uma reprovação do mesmo pela grande maioria dos entrevistados. Deste modo, aos seus comportamentos estava associado uma caracterização negativa por parte dos jovens, sendo ainda salientado, por alguns, que não os deviam ter tido, mostrando arrependimento: *"Como uma má influencia para estar com as pessoas que andavam comigo*." (PA); *"Hum muito maus, muito maus… (…)."* (PB); *"Oh. Eu já tive comportamentos né… inadequados, bastante até."* (PG); *"Hum, não os devia ter feito."* No

estudo qualitativo de Conde e Teixeira (2017), cujo objetivo passava por perceber o fenômeno da delinquência juvenil e as suas trajetórias individuais através da própria perspetiva dos jovens delinquentes, surge como um dos temas centrais os próprios comportamentos delinquentes dos jovens entrevistados. Estes focavam-se em aspetos negativos, sendo mencionados sentimentos de culpa e remorsos relativamente a comportamentos desadequados passados.

No entanto, alguns jovens do presente estudo referiram que aprenderam com os erros e, consequentemente mudaram certos comportamentos (e.g., *"Agora a mim olhe errei? Errei. As pessoas aprendem com os erros. É o que é." E consideras que aprendeste com algumas coisas? "Sim. Agora é completamente diferente."* – PI). Refletindo em experiências passadas, jovens graduados bem-sucedidos em programas residenciais juvenis, perceberam que as suas infrações passadas podiam traduzir-se em situações que lhes permitissem crescimento e renovação (Mincey et al., 2008).

2.2. Influência Pares

Procurou-se perceber em que medida os jovens delinquentes consideram que os seus comportamentos antissociais são motivados pelos seus pares, tanto amorosos como de amizade. Considerou-se pertinente dividir esta categoria em 3 subcategorias.

2.2.1 Influência negativa

Os resultados mostram como existe uma predominância da influência negativa no caso do grupo de amigos. De facto, a influência do grupo de pares para a participação em práticas delinquentes tem sido um tema constantemente comprovado por diversos autores (Grisso, 2008; Thornerry et al., 1994; Reis & Farrington, 1991; Dishion et al., 1999). Porém, esta influência mencionada pelos participantes não parece prejudicar a qualidade da relação e só se verifica para metade dos jovens, referindo-se aos outros como a *"má influência".* Como já verificado por Selfhout, M. H. W e colaboradores (2008) a delinquência não perturba a qualidade da amizade percebida. É ainda importante salientar que alguns jovens especificam que nem todos os amigos influenciam negativamente o seu comportamento e que, em alguns casos, trata-se de uma influência não muito elevada (e.g., *"Ah às vezes…tinha umas más influências, outras não."* – PC). Um estudo de Haynie, D. L. (2002), que usou dados do *National Longitudinal Study of Adolescent Health* (1995-1996), explica como as redes de amizade são muito heterogêneas no que toca a participação dos sujeitos no comportamento delinquente, sendo que a maioria dos adolescentes pertencem a redes que contêm amigos delinquentes e amigos não delinquentes.

Sim, bastante. Influenciavam como? Pa mau. Ou né faziam-me faltar às aulas. Diziam "Ai anda… vamos, num sei quê, falta à aula que eu também vou faltar" ou ahh "Olha faz, faz barulho que é para a stora não dar a aula", essas coisas. (PG)

Não se apurou, no entanto, a existência de uma influência negativa sobre os participantes por parte do par amoroso, o que contraria os resultados de diversos estudos que demonstram o efeito único que as relações amorosas têm na delinquência juvenil (Giordano et al., 2009; Haynie et al., 2005; M. Cui e col., 2012; Meeus et al., 2004;). Esta ausência de influência pode relacionar-se com o facto de os jovens delinquentes entrevistados, provavelmente, não estabelecerem relações amorosas com parceiras também elas delinquentes.

2.2.2 Influência Positiva

Apurou-se que muitos dos entrevistados não consideram que a namorada influencie o seu comportamento. No entanto, um número relevante, mais por parte de quem estava numa relação no momento, expressou que a namorada exercia uma influência positiva no seu comportamento, mais concretamente para parar com os comportamentos desadequados. Segundo Collins (2003), a importância que os adolescentes atribuem às suas relações amorosas, aliada à intensidade característica de uma relação, torna-os sujeitos a uma considerável influência por parte do par amoroso. Giordano e colaboradores (2010) também defende que o apego ao par amoroso pode influenciar os jovens delinquentes, na medida em que o indivíduo pode desistir do crime para não prejudicar a sua relação com o par não delinquente, o que enfatiza o aspeto da importância da relação para o indivíduo (Giordano et al., 2010). Mais uma vez, não se verifica, para esta amostra, a veracidade da teoria de controlo de Hirschi (1969) de que níveis mais elevados de apego estão associados a níveis mais baixos de envolvimento em atividade delinquente.

Ela achava muito ruim. Eu também comecei a melhorar por causa dela porque ela tipo … ela começava a falar coisas para eu… para me incentivar para eu não fazer isso mais. Então eu comecei a parar de fazer muitas coisas de risco que eu fazia antes e agora faço bem. Achas que essa influência da tua namorava é positiva ou negativa? É positiva. (PB)

(…) Ela? Ela está sempre a dar-me na cabeça. E o que é que ela diz? Olha diz o que eu devo fazer e o que não devo e depois ralha comigo. E depois diz coisas e eu pronto. E gostas que ela faça isso? Gosto que é sinal que ela se preocupa comigo. Isto é se ela gosta de mim quer me ver bem. Suponho eu…pela minha maneira de pensar. (PI)

2.2.3 Ausência de influência

Quase metade dos jovens delinquentes entrevistados demonstrou que os seus comportamentos não eram motivados pelo grupo de amigos e metade deles expressou não

ser influenciado pela namorada (e.g., *"Não, depende Não sou influenciável, mas às vezes quando quero entrar na brincadeira… tipo não influencia, eles não me influenciam eu é que quero porque quero."* – PE). Um deles não sabia responder e não o quis fazer nas duas vertentes, respetivamente. O facto de muitos dos jovens da amostra afirmarem que o par amoroso não influência o seu comportamento contraria a associação positiva entre envolvimento romântico e delinquência na adolescência, defendida por alguns autores (Haynie et al., 2005; M. Cui e col. 2012). Deste modo, tornou-se evidente que alguns jovens delinquentes da amostra, na sua visão, escolhem, por si, praticar atos transgressivos sozinhos.

Além disso, da análise dos resultados verificou-se uma tendência para os participantes mais novos expressarem uma maior influência do grupo de pares em comparação com os participantes mais velhos, que não reportaram influência dos pares. Uma explicação possível para esta decisão individual pode ser dada por Reiss e Farrington (1991) que verificaram que, na adolescência, quanto mais velhos fossem os sujeitos menos agiriam em grupo, uma vez que, ao longo do tempo se aperceberiam que mais facilmente seriam interpelados. Também Dishion e colaboradores (1999), defendem que o início da adolescência é particularmente sensível à influência dos pares.

3. Diferenças entre os dois tipos de relação

3.1 Mais importância

Neste ponto, procurou-se compreender qual seria o tipo de relação que os jovens delinquentes mais estimavam e valorizavam na sua vida e porquê.

Averiguou-se que houve uma certa tendência para os jovens transmitirem com quem lhes seria mais benéfico estar ou com quem preferiam passar o seu tempo.

3.1.1 Amigos

Pela análise, verificou-se que de metade dos jovens considera que os amigos têm uma maior importância para eles. Muitas das justificações iam de encontro ao facto de as namoradas poderem ser muitas e poderem mudar de parceira constantemente. Segundo este grupo, se a relação com a namorada terminar, os amigos continuam presentes. Deste modo, o término da relação parece ser um fator importante a ser considerado quando os jovens delinquentes (da amostra) avaliam a importância dos dois tipos de relação. Além disso,

alguns jovens mencionaram que preferiam passar o tempo com os amigos, evocando razões como o sentir-se mais livre (*"Sentia-me mais livre com os meus amigos"* – PC) e mais à vontade. Este último ponto, parece estar relacionado com o facto de alguns jovens delinquentes entrevistados sentirem que têm de ter uma postura diferente quando estão com a sua parceira.

> *Os amigos. Porquê? Porque sim, porque são amigos ah… normalmente apoiam-nos sempre. E como sei que são em mais… tipo são mais… também se pode ter várias namoradas, mas não é comum e como os amigos são mais tem mais probabilidade de algum te poder ajudar (…).* (PE)
> *Os meus amigos. Porquê? Porque namoradas há muitas, amigos não. Mais alguma razão? Não. O meu pai sempre me disse ahh "raparigas são como autocarro, as namoradas perdes uma, apanhas outra". E tu concordas? Concordo.* (PH)

3.1.2 Namorada

Da outra metade de participantes, dois referiram que a namorada é mais importante, outros dois consideram que ambos são igualmente importantes e um entrevistado não sabia responder a esta questão. No entanto, neste grupo de jovens persistia uma perspetiva de que uma namorada pode ser mais importante, uma vez que pode durar uma vida inteira e ser uma companheira constante. Porém, para alguns, só é mais importante que os amigos se for a "pessoa certa".

> *Achas que os amigos são mais importantes na vida de uma pessoa? É assim se encontrar uma mulher em modos… ah não. Mas quando encontrar a pessoa certa também, não é. Se encontrares a pessoa certa para teres uma razão amorosa seria mais importante para ti essa relação? Sim.* (PF)
> *A namorada. Porque a namorada já tou à seis anos, estes aqui só tou à dois meses… três anos…. E antes de vires para aqui, quem tinha maior importância? (risos) Na mesma ela, mas também os meus amigos porque não eram uma influência boa, mas também não era muito má… prontos para mim também era igual.* (PB)

Contudo, ao contrário do que acontece com os que consideram os amigos mais importantes, este grupo não consegue determinar com certezas quem é mais essencial, referindo, por fim, as duas vertentes. Assim, é possível perceber uma maior inclinação para os amigos no que toca a valorização dos dois tipos de relação para os jovens delinquentes da amostra.

No entanto, um número ainda considerável mencionou alguns aspetos positivos de passar mais tempo com o par amoroso em detrimento do grupo de amigos. Denotou-se uma certa consciencialização por parte dos jovens delinquentes, na medida em que afirmam que com as namoradas passam o tempo a fazer atividades mais positivas e benéficas para eles, sentem que podem confiar mais nelas (e.g., *"Queee… eu sei que nela posso confiar mais do que*

neles (…).” – PG) e falar de certos tópicos que com os amigos não o podem fazer. Segundo Warr (1998), na adolescência, o par romântico pode ter a capacidade de influenciar e até limitar as interações do parceiro com os pares. Mais se acrescenta que, certas dinâmicas de controlo social salientadas por vários autores também se podem aplicar à questão da influência de relações de intimidade em comportamentos delinquentes, podendo levar o adolescente a mudar as suas rotinas diárias, a sua rede de amigos, etc., havendo um controlo em certas áreas da sua vida (Laub & Sampson, 2003; Sampson & Laub, 1993). No entanto, nesta amostra a ser estudada, as parceiras românticas parecem influenciar no sentido contrário, na medida em que o possível controlo exercido promove comportamentos mais positivos e pró-sociais.

> *Ahhh… isso agora não sei explicar. Agora não sei explicar porque a minha namorada é muito melhor tar com ela do que os meus melhores amigos e os meus amigos. Prontos, aqui às vezes vão para os maus caminhos e eu vou com eles.* (PB)

Alguns autores oferecem uma possível explicação, mais geral, para os dados relativos a esta categoria. Primeiro, é salientado que os parceiros românticos, frequentemente, geram sentimentos de emocionalidade elevada (por exemplo, amor, atração sexual, ciúme) que não se manifestam em amizades do mesmo gênero (Collins e Van Dulmen, 2006). Por outro lado, os adolescentes também reconhecem a fragilidade de muitos relacionamentos românticos, sendo que um número significativo indica que num relacionamento existe sempre um membro do casal que está mais investido, comprometido ou empenhado do que o outro na relação. Deste modo, estas assimetrias relacionais identificadas e a constante possibilidade de término da relação contrastam com as qualidades relativamente mais abertas e igualitárias nas relações de amizade (Fisher, 2004; Youniss e Smollar, 1985), levando, em muitos casos, aos jovens conceberem uma maior importância aos amigos.

3.2 Mais influência

Outro objetivo deste estudo passa por perceber qual o tipo de relação que parece motivar, mais significativamente, o comportamento dos jovens que apresentam comportamentos antissociais.

Os resultados mostram como um maior número de entrevistados considera que os amigos detêm uma maior influência sobre seu comportamento (e.g., *“Os meus amigos, isso é certo. Os meus amigos.”* – PG; *“Amigos. Porquê? Porque tamos todos em grupo e do nada há um que quer fazer porcaria… quando vai um vão todos”* – PH), o que supõe que, mesmo que

as a parceiras românticas exerçam uma influência positiva em alguns deles, a influência que o grupo de amigos tem no comportamento dos jovens, mesmo sendo negativa, apresenta ser mais forte e relevante. Deste modo, apenas dois jovens mencionaram que a namorada influencia mais os seus comportamentos. Apesar dos jovens entrevistados considerarem que os amigos podem influenciar mais o seu comportamento, dois deles afirmaram que não eram muito influenciáveis, apesar de um confirmar que os amigos são mais propensos a induzir os comportamentos. Apenas um dos entrevistados reportou uma influência de ambas as partes.

De acordo com teorias de estratificação de gênero, os homens são mais influenciados pelos amigos do mesmo sexo, mas as mulheres pelos seus parceiros românticos (Maccoby, 1990; Pugh and Wahrman, 1983; Ridgeway, 1991).

Para esta amostra, uma possível explicação dos resultados, poderá relacionar-se com o facto da influência que o grupo de pares exerce sobre a delinquência dos participantes poder ser intensificada pela proximidade da relação de amizade (e.g, Weerman, 2011), tendo em conta que os participantes expressaram, na generalidade, uma maior importância da relação que tinham com o grupo de pares.

4. A relação com os amigos e/ou namorada como fator determinante na decisão de começar a praticar atos delinquentes

4.1 Fator determinante

Com intuito de entender se o grupo de amigos e/ou a namorada teve um papel decisivo no início da trajetória delinquente dos jovens entrevistados, formulou-se a presente categoria. Esta englobou ainda outros fatores determinantes para o início dos comportamentos, caso a influência dos amigos e/ou namorada não se verificasse.

Segundo os jovens, a relação com os amigos e namorada não foi muito determinante na sua decisão de começar a praticar atos delinquentes, sendo que apenas três o expressaram de forma bastante direta, no caso do grupo de amigos. No entanto, mais tarde, houve ainda quem apresentasse os amigos como a maior razão para terem iniciado certos comportamentos, o que pode mostrar a existência de alguma resistência e até vergonha em admitir essa influência. Além disso, a maioria referiu ainda estar acompanhada por más influências quando inicia certos comportamentos, sendo estas amigos, ex-namorada ou colegas (e.g., *"Certos colegas do bairro… que não me devia ter aproximado"* – PA; *"Ah*

tinha alguns amigos ciganos, outros não. Depois só fazíamos disparates atrás de disparates… é… sim… isso." – PC)

Relativamente a outros fatores que pudessem ter levado os jovens entrevistados a iniciar práticas delinquentes, o que se apurou foi que não houve muita concordância e maioria nesta questão, divergindo para vários motivos enumerados. Tal pareceu demonstrar um certo desconhecimento por parte dos jovens delinquentes das razões que os levaram a começar. No entanto, a influência de vários tipos dos amigos continuou a ser a razão mais vezes referida pelos jovens para iniciarem comportamentos desadequados (e.g., *"Foi quando comecei a andar com eles. Comecei-me ahhh… a ficar mais malcomportado."* – PA).

Rebellon (2006) realizou um estudo onde tentou perceber se o fenômeno da delinquência faz aumentar a quantidade de tempo que os pares de um perpetrador escolhem passar com ele; se tal atenção serve como um reforço direto que leva o perpetrador à delinquência e se tal atenção serve como um reforço vicário, levando à delinquência dos membros da audiência, em proporção ao seu desejo de socialização informal com os pares. Os resultados indicaram que um delinquente é capaz de atrair a atenção dos pares e que os membros da audiência tomam nota deste fenômeno, levando estes últimos a aumentar a sua delinquência em proporção ao seu próprio desejo de atenção dos pares. Tal enfatiza a importância que os jovens concedem à socialização, à relação com os pares na adolescência e à popularidade e visibilidade social (Lease et al. 2002; Rebellon, 2006; Steinberg & Silverberg, 1986; Zimmer-Gembeck, & Collins, 2003), o que pode explicar, em parte, o porquê de alguns dos jovens entrevistados terem começado a praticar comportamentos antissociais, pelo menos aos três que o expressaram diretamente.

No entanto, o facto de a maioria não considerar que a relação com os amigos e a namorada foi determinante para o início dos seus percursos delinquentes remete para a existência de outras razões que podem anteceder o envolvimento com outros jovens delinquentes. Dishion e colaboradores (1991) referem situações como a má disciplina parental e práticas de monitoramento, rejeição dos pares e fracasso acadêmico aos 10 anos, como sendo preditores de um envolvimento com pares antissociais no início da adolescência, por volta dos 12 anos. Deste modo, antes de os jovens decidirem associar-se a pares delinquentes, provavelmente, já persistem outras causas para o desenvolvimento de prática antissociais que podem incentivar uma associação com pares antissociais, com as mesmas crenças delinquentes.

5. O Internamento

5.1 Impacto da institucionalização

Nos discursos dos jovens surgiram novos temas que apareciam com frequência, muito aliados ao facto de estarem institucionalizados. Desta forma, considerou-se pertinente para esta investigação completar as visões dos jovens relativamente aos seus comportamentos com as opiniões que possuem, no que toca o papel que as instituições podem ter nas suas vidas e nos seus comportamentos. Da análise efetuada surgiram duas subcategorias: a *Mudança* e o *Insatisfação.*

5.1.1. Mudança

Foi-se verificando, muito frequentemente, que os jovens entrevistados mencionavam palavras como "agora" e "antes", expressando que melhoraram o seu comportamento. Esta melhoria deveu-se à influência da namorada, para um sujeito, mas um maior número relatou o contributo da instituição para as suas alterações de comportamentos, num sentido mais positivo. Amemiya e colaboradores (2017), analisando a questão do processo de desistência do crime em jovens delinquentes, perceberam que uns dos principais movimentos agenciais traduzir-se-iam em: procurar e manter relacionamentos de apoio entre pares pró-sociais ou adultos, na medida em que o apego a estes serviria de motivação para mudar. Também no estudo de Mincey e colaboradores (2008) averiguou-se que a reabilitação tem um papel importante na redução da reincidência de comportamentos delinquentes, sendo que mais de metade dos participantes salientaram aspetos positivos dos programas. Estes deram ênfase aos serviços educacionais e de aconselhamento, sendo que os conselheiros mais eficazes foram descritos, pelos jovens, como sendo competentes, compassivos, sensíveis e confiáveis. Também se verificou que os técnicos das instituições tiveram impacto em alguns jovens do presente estudo (e.g., *"Porque acho que não é assim tão mau como eu pensava." O que é que gostas daqui por exemplo? "Tem… tem algumas pessoas que são fixes. Os educadores também são boas pessoas, os técnicos… E tem sítios para conviver."* – PF). No estudo de Conde e Teixeira (2017), os jovens entrevistados também reconhecem o papel importante da institucionalização, no sentido de ser uma oportunidade para recomeçar e amadurecer.

No entanto, um grande número não especificou uma razão concreta para esta mudança, notando-se apenas, pelos discursos, que o seu comportamento melhorou após o internamento (e.g., *"Agora é que tenho estado afastado de certas amizades."* – PA; *"Hum muito maus,*

muito maus… agora tão melhores. Se fosse a escolher o tempo, o ano passado e este ano eu escolhia estes anos que passei aqui porque, prontos só andava em confusões." – PB; "*E agora consegues levantar-te cedo? Ah agora sim. Achas que a instituição te ajudou? Sim, acho que sim."* – PF).

5.1.2. Insatisfação

Apesar de muitos dos jovens entrevistados admitirem que o estar numa instituição *"não é tão mau como pensavam*" (PF), a verdade é que, mesmo associando-lhe aspetos positivos, sempre que questionados, preferem estar em casa (e.g., *"(…) achas que melhoraste ou pioraste, estando aqui? Melhorei. Então, achas uma boa opção estares aqui ou achas uma má opção? Má opção que eu quero tar em casa."* – PB). Assim, foi notório um descontentamento face à institucionalização para uma grande maioria, emergindo, em alguns casos, sentimentos de revolta e injustiça (e.g., "*Num gostei! Nem gosto. Podes explicar-me porque não gostas? Porque isto é um sítio fechado. Eu não me dou bem com isso."* – PD), principalmente nas fases iniciais do internamento.

Mais uma vez, no estudo qualitativo de Conde e Teixeira (2017), noutra perspetiva, os jovens delinquentes também expressaram sentimentos de revolta e ressentimento, assim como o facto de serem retirados da sua família, da sua casa e do seu ambiente e de se tratar de um processo difícil, verbalizando a dificuldade na aceitação e permanência nas instituições.

> *Penso que isto fez-me abrir os olhos. Na altura concordaste? Na altura fiquei… fiquei com muita raiva de vir para aqui, mas depois ahh tive que abrir os olhos e ter parado de fazer porcaria. E depois vim para aqui… conheci pessoal novo e deixei de fazer porcaria. Porque também quero ir embora daqui.* (PH)
>
> *Na altura? Fiquei revoltado porque não queria vir para aqui. Depois comecei-me a habituar, mas mesmo assim quero ir embora para casa… que eu não gosto de estar aqui. Prefiro mil vezes estar em casa. Sei que tou melhor. Então continuas a não concordar? De tar aqui? Sim.* (PC)

Conclusões

O presente estudo, ao adotar uma metodologia qualitativa, demonstrou ser bastante pertinente e potencialmente útil para investigações futuras, uma vez que permitiu chegar a conclusões interessantes, mesmo tratando-se de uma investigação com óbvias limitações.

Posto isto, pela realização deste estudo concluiu-se que, segundo os jovens delinquentes entrevistados, as suas relações com os pares, nas duas vertentes estudadas, baseiam-se em relações de qualidades positivas, não diferindo, nesse aspeto, das relações de jovens não delinquentes com os pares. No entanto, alguns admitiram a frequência de conflitos e agressividade, física e verbal, com os amigos, o que não perturba a qualidade da relação percebida pelos mesmos. Da parte do par amoroso, não se verificou problemas associados à violência e vitimização na relação, contrariamente ao sugerido pela literatura.

Relativamente à importância da relação, no caso dos amigos, o mencionado pelos entrevistados é expectável, tendo em conta a teoria do capital social proposta, e a crescente valorização da relação com os pares, típica da fase da adolescência, que não difere para os jovens com problemas de comportamento. Contudo, notou-se uma importância mais superficial e fraca, baseada, principalmente, na reciprocidade, mais evidente na vertente de amizade, o que pode não diferir no caso de jovens não delinquentes. No que toca o par amoroso, principalmente quem estava numa relação romântica expressou uma elevada importância da mesma, sendo que os sentimentos que mencionaram relativamente à companheira parecem ter um efeito nos seus comportamentos, influenciando positivamente os jovens delinquentes. Noutra vertente, a influência negativa que o grupo de pares exerce sobre os comportamentos dos jovens delinquentes, tal como os problemas percecionados, também demonstra não prejudicar a qualidade da relação percecionada pelos entrevistados.

Relativamente ao tópico da importância do envolvimento sexual, não se apurou uma importância muito elevada desse envolvimento para a relação com a namorada, existindo algumas condições e/ou constrangimentos estabelecidos para que pudessem considerar totalmente importante para a relação ou dessem maior destaque a esse aspeto. Tais conclusões parecem contrariar, em parte, o que a literatura sugere.

No que diz respeito à avaliação que os jovens delinquentes fazem do seu próprio comportamento, conclui-se que os jovens entrevistados atribuem características negativas a comportamentos passados, reprovando-os e arrependendo-se de tais condutas. No entanto,

numa perspetiva mais positiva, alguns jovens mencionaram ter aprendido com os seus erros e, consequentemente, melhorado os seus comportamentos e atitudes.

No geral, os jovens delinquentes atribuem maior importância à relação com os amigos, sendo salientado como justificação a perceção da fragilidade da relação e a possibilidade de término desta. Persiste, assim, uma preferência em estar com os amigos, uma vez que alguns entrevistados se sentem mais livres e confortáveis para fazerem o que querem, o que pode significar, para alguns deles, a existência de uma certa resistência em mudar os seus comportamentos. Também no que concerne à maior influência percecionada, a relação com os amigos parece influenciar mais o comportamento dos jovens delinquentes do que a relação com a namorada, podendo-se supor que esta maior influência pode ser determinada pela atribuição de maior importância a certas relações em detrimento de outras. Independentemente de se registar uma superior importância e influência concebidas aos pares na vertente de amizade, tal não impediu que os jovens delinquentes expressassem uma importância e influência significativas por parte do par amoroso. Neste caso, destacou-se a consciencialização dos jovens delinquentes de que seria mais benéfico para eles passar mais tempo com a namorada do que com o grupo de amigos, que os influencia negativamente.

Não existe muita consistência e certeza quanto ao fator determinante para o início dos comportamentos delinquentes, tendo em conta as respostas dos jovens entrevistados, apesar de a influência dos jovens ter sido a razão mais vezes mencionada, contudo, não de forma significativa. O facto de a influência dos pares não ter sido muito determinante para o início do percurso delinquente dos participantes pode implicar a existência de uma maior importância de outros causas da delinquência juvenil que antecedem o envolvimento com os pares antissociais.

Por fim, averiguou-se uma mudança no comportamento para alguns jovens delinquentes após a sua institucionalização, tal devendo-se à influência positiva do par amoroso e à ajuda e apoio por parte das instituições. Além disso, a desconfiança face a jovens desestabilizadores também internados e a sua rejeição podem ser um indicador de mudança. Como Amemiya e colaboradores (2017) afirmaram, a decisão de mudar certos comportamentos necessita, essencialmente, de uma participação ativa por parte dos jovens delinquentes na desistência do crime, ou seja, a vontade de modificar ou reconstruir certos padrões de relacionamento com os pares deverá partir deles, sendo que o que se verifica é que alguns jovens da amostra parecem ter feito essa escolha individual.

Neste contexto de institucionalização, salienta-se ainda o aspeto da perceção das amizades criadas em contexto de internamento, que parecem divergir um pouco das

perceções que os jovens delinquentes têm dos amigos no geral, o que poderá estar também relacionado com a mudança de perspetiva possível de acontecer aquando da institucionalização, para alguns jovens. Deste modo, torna-se pertinente que futuros estudos explorem melhor esta questão das amizades nas instituições, de maneira a dar resposta às falhas na literatura relativamente a esta questão. Apesar das mudanças registadas, foi evidente o descontentamento relativamente à condição de internamento por parte de todos os jovens delinquentes entrevistados, prevalecendo a vontade de estar em casa.

Neste estudo, verificou-se que os resultados vão de encontro ao que alguns teóricos e investigadores propõem. No entanto, rejeitam também as hipóteses de outros, mais concretamente hipótese de Hirshi (1969), que sugerem que os jovens delinquentes carecem das habilidades sociais necessárias e, desse modo, não podem estabelecer ou manter relacionamentos positivos e gratificantes com seus pares. Contudo, torna-se necessário admitir as várias limitações deste estudo. Primeiro, salienta-se o facto de só se terem capturado as perspetivas de jovens delinquentes do sexo masculino, o que limita conclusões relativamente a diferenças de gênero que poderiam ser importantes para este tema. Outro aspeto pertinente relaciona-se com a possibilidade de os entrevistados terem respondido a algumas questões de acordo com a desejabilidade social, o que poderia ter sido evitado, em parte, se tivesse havido um acompanhamento prévio dos jovens antes das entrevistas que possibilitasse uma relação mais próxima e de confiança com os jovens, de maneira a fomentar uma maior abertura e honestidade ao contarem as suas experiências.

Por último, seria relevante entrevistar os amigos e namoradas dos jovens delinquentes, de maneira a capturar também as suas perspetivas, o que poderia ser benéfico em termos de contribuições teóricas e compreensão do fenómeno da influência deste tipo de relações no comportamento delinquente. Estudos defendem que o registo da qualidade da amizade sem incluir características de vários membros da amizade capturam uma parte da estimativa de qualidade da amizade (Boman et al., 2012). Assim, Aseltine (1995) descobriu que os adolescentes relatam que os seus grupos de pares são mais homogêneos do que realmente são, sendo que essas descobertas enfatizam a importância de incorporar os relatos dos próprios amigos sobre seus comportamentos nos estudos, não se confiando apenas nas perceções dos entrevistados, potencialmente tendenciosas.

Considerando, as inconsistências na literatura sobre esta questão das relações com os pares, nas duas vertentes, mas principalmente na de intimidade, seria benéfico a realização de estudos posteriores que fossem capazes de albergar as condições mencionadas anteriormente que estão em falta no presente estudo. Além disso, seria crucial que se tratasse

de um estudo qualitativo, num esforço de melhor explorar como a qualidade da relação com os pares percecionada pode influenciar o comportamento dos jovens delinquentes, uma vez que ainda pouco se conhece desta perspetiva, pelo menos de forma coerente.

Em termos de implicações para intervenção, os resultados destes estudos posteriores poderiam ser uma mais-valia para intervenção com este tipo de população, uma vez que se poderia apostar no trabalho com estas relações como forma de promover comportamentos pró-socias e mais ajustados, tendo em conta a importância que este tipo de relações tem para os jovens delinquentes. De facto, o próprio participante de um estudo que analisou as perceções de jovens bem-sucedidos em programas residenciais juvenis, comunicou a necessidade de a administração da justiça juvenil incorporar os pares como parte das equipas de tratamento para fins de socialização, com o objetivo de facilitar a abertura por parte dos infratores a este (Mincey et al., 2008). Os resultados de um estudo de Gillaspy (2005) ressaltam o importante papel que os pares desempenham nos comportamentos problemáticos e reforçam o facto de as associações com pares adolescentes/jovens adultos deverem ser tidas em consideração em qualquer intervenção ou prevenção. Desta forma, recomenda que as primeiras estratégias se foquem em diminuir a quantidade de envolvimento com colegas delinquentes, em aumentar a quantidade de supervisão dos pais ou monitoramento adulto e aumentar o envolvimento com colegas não delinquentes.

Referências Bibliográficas

Agnew, R. (1991). The Interactive Effects of Peer Variables on Delinquency. *Criminology*, *29*(1),47–72. https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1991.tb01058.x

Amemiya, J., Kieta, J., & Monahan, K. C. (2017). Adolescent Offenders' Qualitative Reflections on Desistance From Crime. *Journal of Research on Adolescence (Wiley-Blackwell)*, *27*(4), 765–781. https://doi.org/10.1111/jora.12313

Aseltine, R. H. (1995). A Reconsideration of Parental and Peer Influences on Adolescent Deviance. *Journal of Health and Social Behavior*, *36*(2), 103. https://doi.org/10.2307/2137219

Azad, A., Ginner Hau, H., & Karlsson, M. (2018). Adolescent Female Offenders' Subjective Experiences of How Peers Influence Norm-Breaking Behavior. *Child & Adolescent Social Work Journal*, *35*(3), 257–270. https://doi.org/10.1007/s10560-017-0526-0

Bardin, L. (2009). Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70: Persona.

Barry, C. M., & Wigfield, A. (2002). Self-perceptions of friendship-making ability and perceptions of friends' deviant behavior: Childhood to adolescence. *The Journal of Early Adolescence*, *22*(2), 143–172. https://doi.org/10.1177/0272431602022002002

Bazon, M. R., Komatsu, A. V., Panosso, I. R., & Estevão, R. (2011). Adolescentes em conflito com a lei, padrões de comportamento infracional e trajetória da conduta delituosa: um modelo explicativo na perspectiva desenvolvimental. Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade, 5, 59-8

Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: Da disfunção social à psicopatologia = Juvenile delinquency: From social dysfunction to psychopathology. *Análise Psicológica*, *20*(4), 637–645.

Berndt, T. J., & Keefe, K. (1995). Friends' influence on adolescents' adjustment to school. *Child Development*, *66*(5), 1312–1329. https://doi.org/10.2307/1131649

Blau, P. M. (1964). Exchange and power in social life. NY: Wiley

Boman, J., Krohn, M., Gibson, C., & Stogner, J. (2012). Investigating Friendship Quality: An Exploration of Self-Control and Social Control Theories' Friendship Hypotheses. *Journal of Youth & Adolescence*, *41*(11), 1526–1540. https://doi.org/10.1007/s10964-012-9747-x

Born, M. (2003). Psicologia da Delinquência. Lisboa: Climepsi

Brauer, J. R., & De Coster, S. (2015). Social relationships and delinquency: Revisiting parent and peer influence during adolescence. *Youth & Society*, *47*(3), 374–394. https://doi.org/10.1177/0044118X12467655

Cabral, A., Macedo, D., Banhudo, S. (2020). CASA 2020 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens. Instituto da Segurança Social, I.P.

Carlos Batista, E., de Matos, L. A. L., & Bertasi Nascimento, A. (2017). A Entrevista Como Técnica De Investigação Na Pesquisa Qualitativa. *Revista Interdisciplinar Científica Aplicada*, *11*(3), 23–38.

Carvalho, M.J.L. (2013). Sistema Nacional de Acolhimento de Crianças e Jovens. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Claes, M., & Simard, R. (1992). Friendship characteristics of delinquent adolescents. *International Journal of Adolescence and Youth*, *3*(3–4), 287–301. https://doi.org/10.1080/02673843.1992.9747709

Coleman, J. S. (1988). Social Capital in the Creation of Human Capital. *American Journal of Sociology*, *94*, 95–120. https://doi.org/10.1086/228943

Collins, W. A., & van Dulmen, M. (2006). "The Course of True Love(s)": Origins and Pathways in the Development of Romantic Relationships. In A. C. Crouter & A. Booth (Eds.), *Romance and sex in adolescence and emerging adulthood: Risks and opportunities.* (pp. 63–86). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Collins, W. Andrew (2003). More than myth: The developmental significance of romantic relationships during adolescence. Journal of Research on Adolescence 13:1–24.

Conde, R., Teixeira, S., (2017). Histórias de vida de jovens delinquentes: O contributo da investigação qualitativa para a compreensão da Delinquência Juvenil. Porto: Faculdade de Psicologia, Educação e Desporto, Universidade Lusófona do Porto. V.3: Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais.

CUI, M., UENO, K., FINCHAM, F. D., DONNELLAN, M. B., & WICKRAMA, K. A. S. (2012). The association between romantic relationships and delinquency in adolescence and young adulthood. *Personal Relationships*, *19*(2),354–366. https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.2011.01366.x

Cusson, M. (1990). Croissance et décroissance du crime. Paris: Presses Universitairs de France.

Demuth, S. (2004). Understanding the Delinquency and Social Relationships of Loners. *Youth & Society*, *35*(3), 366–392. https://doi.org/10.1177/0044118X03255027

Dishion, T. J., Patterson, G. R., Stoolmiller, M., & Skinner, M. L. (1991). Family, school, and behavioral antecedents to early adolescent involvement with antisocial peers. *Developmental Psychology*, *27*(1), 172–180 https://doi.org/10.1037/0012-1649.27.1.172

Dishion, T. J.; McCord, J.; Poulin, F. (1999). "When interventions harm: Peer groups and problema behavior". *American Psychologist*. 54(9), pp. 755-764.

Duarte, V. (2012). Contextos, discursos e percursos na delinquência juvenil feminina. Configurações, 9, 121-133. https://doi.org/10.4000/configuracoes.1148

Dulmen, M., Goncy, E., Haydon, K., & Collins, W. (2008). Distinctiveness of Adolescent and Emerging Adult Romantic Relationship Features in Predicting Externalizing Behavior Problems. *Journal of Youth & Adolescence*, *37*(3),336–345. https://doi.org/10.1007/s10964-007-9245-8

Farrington, D. P. (1983). Offending from 10 to 25 years of age. In T. V. Deusen e S. A. Mednick (Eds.), Prospective studies of crime and deliquency. *Boston*: Kluwer-Nijhoff.

Farrington, D. P. (1995). The development of offending and antisocial behavior from childhood: Key findings from the Cambridge Study in Delinquent Development. Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines, 36, 929–964.

Fisher, H. E. (2006). Broken Hearts: The Nature and Risks of Romantic Rejection. In A. C. Crouter & A. Booth (Eds.), Romance and sex in adolescence and emerging adulthood: Risks and opportunities. (pp. 3–28). Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Fréchette, M. & Le Blanc, M. (1987). Délinquences et Délinquents. Paris: Gaetan Morin.

Gibbs, J. P., & Coleman, J. S. (1990). Foundations of Social Theory. *Social Forces, 69*(2), 625. https://doi.org/10.2307/2579680

Gillaspy, S. R. (2005). A test of problem behavior theory with high-risk adolescents and young adults: Effects of peer delinquency, peer attachment, and peer involvement [ProQuest Information & Learning]. In *Dissertation Abstracts International: Section B: The Sciences and Engineering* (Vol. 66, Issue 2–B, p. 1169).

Giordano, P. C., Lonardo, R. A., Manning, W. D., & Longmore, M. A. (2010). Adolescent romance and delinquency: A further exploration of Hirschi's "cold and brittle" relationships hypothesis. *Criminology: An Interdisciplinary Journal*, *48*(4), 919–946. https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2010.00208.x

Giordano, P. C., Millhollin, T. J., Cernkovich, S. A., Pugh, M. D., & Rudolph, J. L. (1999). Delinquency, Identity, and Women's Involvement in Relationship Violence. *Criminology*, *37*(1), 17–40. https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1999.tb00478.x

Gonçalves, J.C., (2013). Delinquência Juvenil, Violência no Namoro e Aceitação-Rejeição do Parceiro Íntimo: um estudo com jovens internados em Centros Educativos Portugueses. (dissertação de mestrado não publicada). Instituto Superior da Maia.

Grisso, T. (1998). Forensic evaluation of juveniles. Sarasota, Florida: Professional Resources Press.

Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (1989). Fourth generation evaluation (Cap. 8, p. 233-251). Newbury Park: Sage Publications

Haynie, D. L. (2002). Friendship Networks and Delinquency: The Relative Nature of Peer Delinquency. *Journal of Quantitative Criminology*, *18*(2), 99–134. https://doi.org/10.1023/A:1015227414929

Haynie, D. L., Giordano, P. C., Manning, W. D., & Longmore, M. A. (2005). Adolescent romantic relationships and delinquency involvement. *Criminology: An Interdisciplinary Journal*, *43*(1), 177–210. https://doi.org/10.1111/j.0011-1348.2005.00006.x

Hirschi, T. (1969). Causes of Delinquency. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

Instituto da Segurança Social, I.P.– Departamento de Desenvolvimento Social e Programas/ Unidade de Infância e Juventude. (2015). CASA 2020 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens. Instituto da Segurança Social, I.P.

Kadzin, A. E. (1987). Treatment of antisocial behavior in children: Current status and future directions. Psychological Bulletin, 102, 187-2003

Kadzin, A. E. (1996). Conduct disorders in childhood and adolescence. Thousand oaks: Sage Publications.

Komatsu, A. V. (2014). Comportamentos antissociais em adolescentes do sexo masculino: um estudo exploratório na cidade de Ribeirão Preto – SP. Dissertação para defesa de mestrado. USP, Ribeirão Preto, Brasil.

Komatsu, A. V., & Bazon, M. R. (2015) Caracterização de adolescentes do sexo masculino em relação a comportamentos antissociais. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 13(2), 725-735.

Krisberg, B. (2005). *Juvenile Justice: Redeeming our children.* London: Sage Publications.

LaFontana, K. M., & Cillessen, A. H. N. (2002). Children's Perceptions of Popular and Unpopular Peers: A Multimethod Assessment. *Developmental Psychology*, *38*(5), 635. https://doi.org/10.1037/0012-1649.38.5.635

Lahey, B. & Waldman, I. (2004). Predisposição para problemas de comportamento na infância e na adolescência: análise de um modelo desenvolvimentalista. In A. C. Fonseca (Ed.), Comportamento anti-social e crime: da infância à idade adulta. Coimbra: Almedina.

Larson, M., Sweeten, G., & Piquero, A. (2016). With or Without You? Contextualizing the Impact of Romantic Relationship Breakup on Crime Among Serious Adolescent Offenders. *Journal of Youth & Adolescence*, *45*(1), 54–72. https://doi.org/10.1007/s10964-015-0318-9

Laub, J., & Sampson. R., (2003) Shared Beginnings, Divergent Lives: Delinquent Boys to Age 70. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Le Blanc, M. (2003). La conduite délinquante des adolescents: son développement et son explication. In M. Leblanc, M. Ouimet, & D. Szabo, Traité de criminologie empirique. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal

Le Blanc, M. (2003). La conduite délinquante des adolescents: son développement et son explication. In M. Leblanc, M. Ouimet, & D. Szabo, Traité de criminologie empirique. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal.

Lease, A. M., Kennedy, C. A., & Axelrod, J. L. (2002). Children's Social Constructions of Popularity. *Social Development*, *11*(1), 87–109. https://doi.org/10.1111/1467-9507.00188

Lei de proteção de crianças e jovens em perigo (2001). Diário da República, 1ª Série A – N.º 204/1999, páginas 6115 – 6132 – Lei nº 147/99 de 1 de setembro (LPCJP)

Lei Tutelar Educativa (1999). Diário da República, 1ª Série A – Nº 215 – 9 setembro de 1999 – lei nº166/99 de 14 de setembro (LTE)

Lerner, R.M. (1986). Concepts and theories of human development. New York: Random House.

Loeber, R. (1982). The stability of anti-social and delinquent child behavior: A review. Child Development, 53, 1431-1446.

Loeber, R., Keenan, K., & Zhang, Q. (1997). Boys' Experimentation and Persistence in Developmental Pathways Toward Serious Delinquency. Journal of Child and Family Studies, 6(3), 321-357.

Lonardo, R., Giordano, P., Longmore, M., & Manning, W. (2009). Parents, Friends, and Romantic Partners: Enmeshment in Deviant Networks and Adolescent Delinquency Involvement. *Journal of Youth & Adolescence*, *38*(3), 367–383. https://doi.org/10.1007/s10964-008-9333-4

Maccoby, E. E. (1990). Gender and relationships: A developmental account. *American Psychologist*, *45*(4), 513–520. https://doi.org/10.1037/0003-066X.45.4.513

Macedo, D., Martinho, F., Simões, H., Oliveira, V. (2017). CASA 2020 - Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento das Crianças e Jovens. Instituto da Segurança Social, I.P.

McCarthy, B., & Casey, T. (2008). Love, Sex, and Crime: Adolescent Romantic Relationships and Offending. *American Sociological Review*, *73*(6), 944–969. https://doi.org/10.1177/000312240807300604

McCarthy, B., and Hagan, J. (1995). Getting into street crime: The structure and process of criminal embeddedness. Social Science Research V24(1): 63–95.

Meeus, W., Branje, S., & Overbeek, G. J. (2004). Parents and partners in crime: A six-year longitudinal study on changes in supportive relationships and delinquency in adolescence and young adulthood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *45*(7), 1288–1298. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2004.00312.x

Mincey, B., Maldonado, N., Lacey, C. H., & Thompson, S. D. (2008). Perceptions of Successful Graduates of Juvenile Residential Programs: Reflections and Suggestions for Success. *Journal of Correctional Education*, *59*(1), 8–31.

Moffitt, T. E. (1993). Adolescence-Limited and Life-Course-Persistent Antisocial Behavior: A Developmental Taxonomy. Psychological Review, 100 (4), 674-701.

Moffitt, TE, Caspi, A., Rutter, M., & Silva, PA (2001). *Diferenças de sexo no comportamento anti-social: Transtorno de conduta, delinquência e violência no Dunedin Longitudinal Study*. Cambridge University Press. https://doi.org/10.1017/CBO9780511490057

Morteira Morgado, A. (2019). O Comportamento Antissocial Na Adolescência: Continuidades E Descontinuidades Da Transgressão À Delinquência. *Journal of Child & Adolescent Psychology / Revista de Psicologia Da Criança e Do Adolescente*, *10*(2), 87–103.

Mozzato, A. & Grzybovski, D. (2011). Documentos e Debates: Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. RAC, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747. http://www.anpad.org.br/rac

Mun, E., Windle, M., & Schainker, L. (2008). A Model-based cluster analysis approach to adolescent problem behaviors and young adult outcomes. Dev Psychopathol., 20(1), 291-318. https://doi. org/10.1017/S095457940800014X

Negreiros, J. (2008). *Delinquências juvenis: Trajetórias, intervenções e prevenção*. Porto: Livpsi.

Negreiros, J. (2015). *Intervenção na delinquência juvenil: Perspetivas psico-forenses.* Curitiba: Editora CRV.

Ouimet, M., & Le Blanc, M. (1996). The role of life experiences in the continuation of the adult criminal career. *Criminal Behaviour and Mental Health*, *6*(1), 73–97. https://doi.org/10.1002/cbm.65

Parker, J. G., & Asher, S. R. (1993). Friendship and friendship quality in middle childhood: Links with peer group acceptance and feelings of loneliness and social dissatisfaction. *Developmental Psychology*, *29*(4), 611–621. https://doi.org/10.1037/0012-1649.29.4.611

Preveaux, N. E., Ray, G. E., LoBello, S. G., & Mehta, S. (2004). Peer relationships among institutionalized juvenile boys. *Journal of Adolescent Research*, *19*(3), 284–302. https://doi.org/10.1177/0743558403258833

Pugh, M. D., & Wahrman, R. (1983). Neutralizing Sexism in Mixed-Sex Groups: Do Women Have to Be Better than Men? *American Journal of Sociology*, *88*(4), 746–762. https://doi.org/10.1086/227731

RASI (2021). *Relatório Anual de Segurança Interna 2021*. Lisboa: Sistema de Segurança Interna.

Rebellon, C. J. (2006). Do Adolescents Engage in Delinquency to Attract the Social Attention of Peers?: An Extension and Longitudinal Test of the Social Reinforcement Hypothesis. *Journal of Research in Crime and Delinquency*, *43*(4), 387–411. https://doi.org/10.1177/0022427806291259

Reiss, A. J.; Farrington, D. P. (1991). "Advancing knowledge about co-offending. Results from a prospective longitudinal survey of London males. *Journal of criminal Law and Criminology*. 82(2), pp.360-395.

Ridgeway, C. (1991). The Social Construction of Status Value: Gender and Other Nominal Characteristics. *Social Forces*, *70*(2), 367–386. https://doi.org/10.2307/2580244

Rubin, K. H., Bukowski, W. M., & Bowker, J. C. (2015). Children in peer groups. In M. Guha (Ed.), Handbook of child psychology and developmental science: vol. 4. Ecological settings and processes (7th ed.). (pp. 321–412). Hoboken, NJ: John Wiley & Sons, Inc.

Sampson, R., & Laub, J., (1993) Crime in the Making: Pathways and Turning Points through the Life. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Selfhout, M. H. W., Branje, S. J. T., & Meeus, W. H. J. (2008). The development of delinquency and perceived friendship quality in adolescent best friendship dyads. *Journal*

of Abnormal Child Psychology, *36*(4), 471–485. https://doi.org/10.1007/s10802-007-9193-5

Solomon, B. J. (2006). Other-Sex Friendship Involvement among Delinquent Adolescent Females. *Youth Violence & Juvenile Justice*, *4*(1), 75–96. https://doi.org/10.1177/1541204005282313

Steinberg, L., & Silverberg, S. B. (1986). The Vicissitudes of Autonomy in Early Adolescence. *Child Development*, *57*(4), 841. https://doi.org/10.2307/1130361

Thornberry, T. P.; Lizotte, A. J.; Krohn, M. D.; Farnworth, M; Lang, S. J. (1994). "Delinquent peers beliefs, and delinquente behavior: longitudinal test of internacional theory". *Criminology*, 32(1), pp. 47-81.

Tolan, P. H. (1987). Implications of age onset for deliquency risk. Journal of Abnormal Child Psychology, 15, 47-65

Vásquez, B. E., & Zimmerman, G. M. (2014). An investigation into the empirical relationship between time with peers, friendship, and delinquency. *Journal of Criminal Justice*, *42*(3), 244–256. https://doi.org/10.1016/j.jcrimjus.2014.03.001

Veríssimo, M. (1990). A Psicologia Comunitária e o sistema judicial: uma nova forma de olhar e intervir sobre a delinquência. Análise Psicológica, 8 (2), 203-209.

Walters, J., Youniss, J., & Smollar, J. (1986). Adolescent Relations with Mothers, Fathers, and Friends. *Journal of Marriage and the Family*, *48*(2), 456. https://doi.org/10.2307/352416

WARR, M. (1998). Life-course transitions and desistance from crime. *Criminology*, *36*(2), 183–216. https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.1998.tb01246.x

WEERMAN, F. M. (2011). Delinquent Peers in Context: A Longitudinal Network Analysis of Selection and Influence Effects. *Criminology*, *49*(1), 253–286. https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2010.00223.x

World Youth Report. (2003). *Juvenile Deliquency*. Retirado de http://www.un.org/esa/socdev/unyin/documents/ch07.pdf

Yamarellos, E., Kellens, G. (1970). *Le crime et la criminologie*, Verviers, Marabout.

Zaaiman, J. (2020). Power and Influence: Assessing the Conceptual Relationship. *Koers: Bulletin for Christian Scholarship*, *85*(1), 1–14.

Zimmer-Gembeck, M. J., & Collins, W. A. (2003). Autonomy development during adolescence. In G. R. Adams & M. D. Berzonsky (Eds.), *Blackwell handbook of adolescence.* (pp. 175–204). Blackwell Publishing.

Anexos

Anexo A: Entrevista Semiestruturada

Data, hora e local de realização

____/____/____ às ____*:* ____ horas, no _____

Duração da entrevista

_____ *minutos*

Olá, eu chamo-me Beatriz Silva, sou aluna do 5º ano do Mestrado Integrado na Faculdade de Psicologia da Faculdade de Psicologia de Ciências da Educação da Universidade do Porto e estou a realizar um projeto de investigação para a minha dissertação de mestrado.

O principal objetivo do estudo é perceber como os jovens percecionam as suas relações com os pares, nas vertentes de amizade e de intimidade, assim como perceber a sua opinião relativamente à influência que estas relações podem exercer no seu comportamento. Para além disso, pretendo ainda conhecer a perspetiva dos jovens no que toca o seu próprio comportamento.

Posto isto, vou fazer-te algumas perguntas dentro destes tópicos para que me possas ajudar a compreender melhor estes fenômenos e as suas influências nas perspetivas dos jovens.

Relembro que a tua participação é voluntária e que podes desistir a qualquer momento e não responder a alguma pergunta caso te deixe desconfortável, sem qualquer tipo de consequência negativa para ti. Para além disso, não existem respostas certas ou erradas, sendo que o importante é que reflitas sobre a tua experiência pessoal e que eu a fique a conhecer, sem qualquer tipo de julgamento.

Para além disso, tudo o que me contares será absolutamente confidencial, uma vez que as respostas serão anónimas, não sendo registado nada que te possa identificar. As respostas serão apenas tratadas no âmbito desta investigação.

Por último, gostava de agradecer, desde já, a tua colaboração e perguntar se tens alguma dúvida que gostavas de colocar antes de começarmos.

Estás pronta/o? Podemos começar?

Dados sociodemográficos

1. Idade

2. Gênero
3. Escolaridade
4. Com quem vivias antes de vires para esta instituição? Sempre viveste com essas pessoas?

Que importância atribuem os jovens delinquentes às suas relações de amizade com os pares?

Que importância atribuem os jovens delinquentes às suas relações de amizade com os pares?

5. Quantos amigos tens?
6. São rapazes ou raparigas?
7. Que idade têm?
8. Tens algum problema em dar-te com os teus amigos? Que tipo de problemas? O que tentas fazer em relação a isso?
9. Como é a relação com os teus amigos?
10. Como descreverias a relação que tens com os teus colegas da instituição? Consideras que são teus amigos?
11. Que importância têm os teus amigos na tua vida?

Que importância atribuem os jovens delinquentes às suas relações de intimidade com os pares?

12. Já tiveste ou tens neste momento uma namorada ou namorado?
13. Tens algum problema ao dar-te com a tua namorada? Que tipo de problemas? O que tentas fazer em relação a isso?
14. Como descreverias a relação com a tua parceira atual? Fala-me um pouco dela.
15. Quão importante para ti é a tua relação com a tua parceira?
16. Já te envolveste sexualmente com a tua parceira atual ou parceira anterior?

17. Para ti, quão importante é esse envolvimento para a relação que tens com a tua parceira?

Como é que jovens delinquentes descrevem o seu próprio comportamento delinquente e como vêm o papel dos pares e parceiros românticos sobre este?

18. Por que motivo vieste para aqui?
19. O que pensas de teres sido institucionalizado aqui? Concordaste/ concordas com a institucionalização?
20. Qual é a tua opinião sobre os comportamentos que tiveste no passado? Como os descreverias?
21. Consideras que o teu grupo de amigos teve alguma influência nestes comportamentos? Se sim, de que maneira?
22. E a tua parceira romântica, consideras que teve alguma influência nesses comportamentos? De que forma?

Que diferenças apontam entre a relação com os pares e a relação com o/a parceiro/a romântico?

23. Quando pensas nas tuas relações de amizade e na tua relação de intimidade que aspetos consideras serem diferentes?
24. Qual consideras ter uma maior importância na tua vida e porquê?
25. Qual consideras exercer uma maior influência no teu comportamento e porquê?

Em que medida o participante considera que a relação com o amigo ou namorado foi determinante na sua decisão de começar a praticar atos delinquentes?

26. Lembras-te quando começaste a ter esses comportamentos que falamos antes? Quando foi a primeira vez? (data)
27. Quem estava contigo nessa altura?
28. Consideras que os teus amigos tiveram alguma influência nesse início? Se sim, como?

29. E a tua namorada influenciou de alguma maneira esse começo? Se sim, como?

30. Qual consideras ter sido a maior razão para teres começado?

Chegamos ao fim.

Muito obrigada pela tua participação

Anexo B – Tabelas

Tabela 2

Categorias e subcategorias

Categorias	Subcategorias
Problemas	
Perceção da relação	Perceção da relação - Amigo
	Perceção da relação - Namorada
	Perceção da relação – Amigos instituição
Importância da relação	
Importância do envolvimento sexual	
Avaliação do comportamento antissocial	
Influência pares	Influência negativa
	Influencia positiva
	Ausência e influência
Mais importância	Amigos
	Namorada
Mais influência	
Fator determinante	
Impacto da institucionalização	Mudança
	Insatisfação

Anexo C: Consentimento Informado

Consentimento Informado, Livre e Esclarecido para participação em investigação

de acordo com a Declaração de Helsínquia e a Convenção de Oviedo

Por favor, leia com atenção a seguinte informação.

Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações.

Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Título do estudo: Jovens Delinquentes e relações de amizade e intimidade com os pares

Enquadramento: Mestrado Integrado em Psicologia – Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça

Instituição: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Explicação do estudo: A recolha de dados será realizada com base numa entrevista individual gravada. Proceder-se-á a caracterização sociodemográfica dos participantes, seguindo-se da análise de conteúdo categorial das respostas dos indivíduos. A seleção dos participantes será realizada por conveniência, devido ao caráter específico de caraterísticas que a investigação exige. O processo de recolha de dados com o indivíduo consistirá numa única entrevista individual, que poderá ser dividia em dois momentos, realizada nas instalações da instituição. Após a integração dos dados recolhidos nas entrevistas, toda e qualquer gravação ou informação passível de identificar o individuo será estandardizada e, como tal, destruída.

Condições: A participação no estudo é de caráter totalmente voluntário, sendo que pode, a qualquer altura, recusar participar ou desistir, sem qualquer tipo de consequência.

Confidencialidade e anonimato: Todos os dados recolhidos no âmbito da investigação são confidenciais e serão usados, exclusivamente, para o presente estudo. Não haverá qualquer registo de dados de identificação, sendo que a cada participante será atribuído uma letra aleatória.

Investigador: Beatriz Maria Monteiro da Silva

Orientador: Jorge Nuno Negreiros de Carvalho

Assinaturas:

Investigador: … … … … … … … … … ... … … … …..... … … … … … … … … … … … … … … … … …

Orientador: … … … … … … … … … …..... … … … …..... … … … … … … … … … … … … … … … ...

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela pessoa que acima assina. Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.

Nome do participante: … … … … … … … …..... … … … …..... … … … … … … … … … … … … … … …

Assinatura: … … … … … … … …..... … … … … ... … … … … … … Data: …… /…… /……

Nome do representante da instituição: … … … … … … … …..... … … … …..... … … … … … …

Assinatura: … … … … … … … …..... … … … … ... … … … … … … Data: …… /…… /……

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO POR 1 PÁGINA E FEITO EM DUPLICADO: UMA VIA PARA O INVESTIGADOR, OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE

Anexo D – Pedido de autorização às instituições com respetiva súmula do estudo – Lar Juvenil dos Carvalhos e Centro Juvenil de Campanhã

U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE DO PORTO

Mestrado Integrado em Psicologia
Beatriz Maria Monteiro da Silva
Orientador: Professor Doutor Jorge Nuno Negreiros de Carvalho
Ano Letivo 2021/2022

Eu, Beatriz Maria Monteiro da Silva, estudante do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, venho por este meio solicitar a vossa colaboração para a recolha de dados e desenvolvimento, consequente, da pesquisa que irá sustentar a minha dissertação de Mestrado. Esta insere-se no tema da delinquência juvenil, com o título de "Jovens Delinquentes e relações de amizade e intimidade com os pares" tendo como orientador o Professor Doutor Jorge Nuno Negreiros de Carvalho.

Enquadramento do Estudo

A importância das relações com os pares, tanto a nível de amizade como de intimidade, torna-se óbvia para um adolescente, *inclusive para aqueles que apresentam* comportamentos delinquentes. De facto, alguns autores concluíram que tanto atividades delinquentes, como atividades pró-sociais com pares (amizade e românticos) são capazes de garantir que certas funções sejam desenvolvidas (Azad et al., 2018). Estas atividades delinquentes atendem às mesmas necessidades desenvolvimentais que as atividades pró-socias, como a criação de relações significativas, de proximidade e confiança, a socialização, autonomia em relação aos pais, sentimento de pertença positivo, confiança, etc., (Azad et al., 2018).

Numa outra perspetiva, analisando a questão do processo de desistência do crime em jovens delinquentes, existem algumas evidências que sugerem que uns dos principais movimentos agenciais traduzir-se-iam em: *procurar e manter relacionamentos de apoio* entre pares pró-sociais ou adultos, na medida em que o apego a estes serviria de motivação para mudar, assim como *navegar entre grupos de pares*, passando pela intenção de mudar os seus grupos de pares, maioritariamente constituído por outros jovens delinquentes, para um grupo de pares mais pró-social (Amemiya et al., 2017).

No entanto, após a exploração mais aprofundada do **tema** e revisão da literatura no que diz respeito aos jovens delinquentes e as suas relações com os pares, nas duas vertentes – de amizade e intimidade – verifica-se que existem algumas inconsistências nos resultados encontrados nos estudos desenvolvidos ao longo dos anos, o que leva a crer que a relação, maioritariamente, entre o envolvimento romântico e delinquência

Metodologia

Para dar resposta às lacunas mencionadas e à necessidade de uma análise mais subjetiva do fenómeno da delinquência juvenil e relações, o presente estudo irá basear-se numa **metodologia qualitativa** fazendo-se uso de uma **entrevista semiestruturada**.

No que toca aos participantes, pretende-se que sejam entrevistados jovens delinquentes, tanto do sexo masculino como do sexo feminino, que estejam internados num centro educativo português, facilitando, assim, o acesso às populações delinquentes. Os entrevistados não serão mais de 12 e a escolha do grupo a participar no estudo deverá obedecer aos seguintes critérios: a) ter entre 12 e 21 anos; b) estar internado em centro educativo; c) apresentar um histórico de práticas delinquentes e antissociais, tais como atos agressivos, furto, vandalismo, fugas ou outros comportamentos que, de um modo geral, expressem uma violação de normas ou de expectativas socialmente estabelecidas; d) estabelecer um compromisso com o estudo e disponibilidade para ser entrevistado.

Para além disso, os participantes serão divididos entre: género; natureza da transgressão - violenta e não violenta; delinquência de curta ou longa duração. É de salientar que não existe qualquer tipo obrigação na participação no estudo, sendo de carácter estritamente voluntário. Desta forma, os voluntários podem, a qualquer momento, recusar responder a alguma pergunta ou desistir por completo da participação, sem qualquer consequência para estes. Mais se acrescenta, que todos os dados recolhidos são estritamente confidenciais e serão usados, unicamente, para fins de investigação e de defesa da tese, sem que sejam revelados dados que identifiquem os participantes.

A vossa Colaboração

Neste sentido, solicita-se a vossa nos seguintes tópicos:

1. Realização de uma pré-seleção dos jovens que cumpram os seguintes requisitos:
    a. jovens delinquentes tanto do sexo masculino como do sexo feminino
    b. Jovens delinquentes com histórico de trangressão violenta e histórico de trangressão não violenta

c. Jovens delinquentes com trajetos de curta duração e trajetos de longa duração.

2. Contacto com os indivíduos pré-selecionados, com o intuito de esclarecer o objetivo e pertinência da investigação, assegurando a sua vontade de participar de forma voluntária e consentindo com a entrevista e a análise de conteúdo categorial da mesma (Anexo).
3. As entrevistas pretendem abordar as respostas subjetivas e as perspetivas dos sujeitos relativamente ao fenómeno da delinquência juvenil, assim como o impacto, percecionado pelos jovens, que as relações de amizade e intimidade têm neste (Anexo). Dada a extensão da entrevista e da diversidade das questões, será pedida autorização para que o áudio das entrevistas seja gravado. Mais se acrescenta que, como se trata de um guião longo, *o que se pode tornar cansativo* para os jovens, existe a possibilidade de dividi-lo e realizá-lo em dois momentos distintos, caso o centro educativo e os jovens concordem com esta alternativa
4. Por fim, solicita-se a disponibilização de um espaço no seio da vossa intituição, para que as entrevistas sejam realizadas num espaço adequado, seguro e confortável para os participantes, que garanta a privacidade e confidencialidade dos entrevistados.

É importante referir que o anonimato dos participantes será garantido, através atribuição de números de série, não revelando, desta forma, qualquer tipo de dado de identidade. No momento da recolha dos dados, os participantes terão de assinar um documento de consentimento informado, cujo objetivo será certificá-los destas condições de confidencialidade e voluntariedade e da finalidade exclusivamente académica desta investigação.

Neste sentido, venho, por este meio, requerer a vossa colaboração para que seja possível a concretização da investigação que me proponho a desenvolver.

U.PORTO
FACULDADE DE PSICOLOGIA
E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

Mestrado Integrado em Psicologia

Beatriz Maria Monteiro da Silva

Orientador: Professor Doutor Jorge Nuno Negreiros de Carvalho

Ano Letivo 2021/2022

Porto, 15 de novembro de 2021

A Mestranda

(Beatriz Maria Monteiro da Silva)

O Orientador

(Prof. Doutor Jorge Negreiros)